

O Caminho das Nuvens

roteiro original de  
David França Mendes

para um filme de  
Vicente Amorim

contato: David França Mendes  
55-21-22265636  
55-21-81113099  
davidfmendes@pobox.com

Fade in

1 EXT. ESPAÇO SIDERAL

1

Vemos, no meio do cosmos, o planeta Terra. Nos aproximamos do planeta em altíssima velocidade, enquanto escutamos as vozes de um homem (ROMÃO) e de uma mulher (ROSE) - ambos com sotaque nordestino - e os ruídos típicos de uma auto-estrada (carros passando, momentos de silêncio com ruído de insetos).

ROM O (O.S.)

O que que tá escrito aí, mulher?

ROSE (O.S.)

Tá escrito "praça do meio do mundo".

ROM O (O.S.)

Hein?

ROSE (O.S.)

"Praça do meio do mundo".

ROM O (O.S.)

Aqui é o meio do mundo?

ROSE (O.S.)

É o que tá escrito aí, Romão.

Ao final do diálogo, já estamos penetrando a atmosfera e mergulhando em direção ao nordeste do continente sul-americano.

CORTA PARA:

2 EXT. PRAÇA DO MEIO DO MUNDO -- DIA

2

Estamos num ponto em que, no meio de uma BR, abre-se uma bifurcação e há uma espécie de praça, feita de alguns amontoados de pedras e cactos, com um pequeno obelisco de pedras brancas no centro. Um homem de traços marcados, de uns 35 anos (ROMÃO), e uma mulher pouco mais jovem que ele, de rosto castigado pelo sol (ROSE) estão parados diante de uma placa, que ela lê apontando as palavras para o marido:

ROSE

PRA-ÇA-DO-MEIO-DO-MUN-DO.

CORTA PARA:

3 EXT. PRAÇA DO MEIO DO MUNDO -- MAIS TARDE

3

Rose, aflita.

ROSE

Cícero?!

Romão, roçando um pé de cactos.

ROM O

Cícero?!

Um adolescente, 14 anos, magro e de rosto sério (ANTÔNIO), e um menino de cabelos lisos, compridos e desgrenhados (RODNEY, uns seis anos) correm pela paisagem espinhenta, olhando nervosamente para os cantos, procurando...

\*  
\*

ANT`NIO

Cícero?! Cícero!?

Um outro garoto, cabeçudo, de cara engraçada e presumíveis dez anos (CLÉVIS), corre atrás de uma menina magrela e descabelada, prováveis nove anos (SUELENA). Os dois correm pela caatinga, também tentando encontrar...

\*

SUELENA

Cícero!?

CL...VIS

(dá um longo assovio)

Fiuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu!

Suelena chega à beira do acostamento. Vemos seu rosto assustado. Vemos o que ela vê:

Um bebê de no máximo um ano (CÍCERO) engatinha no meio de um trecho de estrada.

Rose também vê o bebê. E vê que um gigantesco caminhão cresce na curva da estrada.

ROSE

(berra mais que nunca)

CÍCERO!!!

A estrada diante de nós, frontal. O bebê no meio da estrada. O caminhão crescendo. Romão corre de dentro da mata para a estrada. O caminhão ocupa quase toda a tela, vem na nossa direção e na de Cícero. Ruído de freiada violenta. O caminhão parece que vai furar a tela e invadir a platéia, patinando - nesse momento não temos mais Cícero em quadro, só o caminhão enorme.

FADE OUT:

Rápido instante de tela escura, com ruídos do caminhão.

FADE IN:

No meio da estrada, Cícero engatinha por entre as duas trilhas das marcas dos pneus do caminhão, que vemos lá no fundo, parado no meio da caatinga. Rose corre e tira o bebê do meio da estrada.

CORTA PARA:

4 EXT. PRAÇA DO MEIO DO MUNDO -- ANOITECER

4

Rose dá o peito a Cícero, sobre um tapete e um monte de panos, ao lado do caminhão, que agora está estacionado no acostamento. Rodney está ao lado dela. Da lateral do caminhão, abre-se uma portinhola, com fogareiro, a "cozinha", onde o MOTORISTA CARIOCA do caminhão prepara uma comida. Ele conversa com Romão, sob o olhar atento de Antônio.

\*

MOTORISTA CARIOCA

Mas de bicicleta? Com criança e tudo?  
O senhor me desculpe, isso é pra pagar promessa?

(olha para a família.

Olha para a panela.)

Tá servido?

ROM O

Vou aceitar, sim senhor. O amigo vem de longe?

\*

\*

O Motorista Carioca pega um prato e põe um pouco de comida.

\*

MOTORISTA CARIOCA

Rio de Janeiro. Mais de três mil quilômetros. Agora o senhor me explique essas bicicletas.

\*

\*

\*

\*

Clévis e Suelena apostam corrida de bicicleta em torno da praça. Dão voltas e mais voltas.

\*

ROM O

Eu não podia deixar a mulher, as crianças.

(pegando o prato)

Obrigado.

(passa o prato para Antônio, que o leva para Rose)

O jeito era as bicicletas.

\*

\*

Clévis derrapa com sua bicicleta e cai.

\*

ROSE

Menino!

\*

\*

CORTA PARA:

\*

5 EXT. PRAÇA DO MEIO DO MUNDO -- MAIS TARDE

5

O motorista se prepara para seguir sua viagem. Conversa com Romão já a partir da boléia do caminhão.

\*

\*

MOTORISTA CARIOCA

Bom, pra Juazeiro do Padre Cícero, o senhor pega essa direita aqui e vai reto até Cabrobó. É chão, viu?

(MORE)

## MOTORISTA CARIOCA (CONT'D)

Lá em Cabrobó o senhor torne a pedir informação. Mas vou te avisando, é muito chão.

## ROM O

Eu não tenho medo de chão, meu amigo. Inda mais com a fé que eu tenho no padinho Cícero.

\*  
\*

## MOTORISTA CARIOCA

(descrente)

Fé que o padinho vai te arrumar um emprego de mil reais por mês.

\*  
\*  
\*

## ROM O

O seguinte é esse, seu moço: eu sou um homem destinado.

\*  
\*

## MOTORISTA CARIOCA

Mil reais por mês? qual é o pobre que ganha mil reais por mês?

\*  
\*  
\*

## ROM O

Com menos que isso eu não sustento meus filhos. O padinho vai me ajudar sim senhor.

\*  
\*  
\*

CORTA PARA:

6 EXT. PRAÇA DO MEIO DO MUNDO -- EM SEGUIDA

6 \*

O caminhão vai deixando o acostamento, devagar. Dá duas buzinas longas e graves. Ficamos com a família, sobre o tapete, iluminada apenas pela lua e por um pequeno lampião. As crianças acenam para o caminhão.

\*

CORTA PARA:

7 EXT. PRAÇA DO MEIO DO MUNDO -- NOITE

7 \*

A família dorme amontoada sob a placa da Praça do Meio do Mundo. Uma pequena fogueira os ilumina.

\*  
\*

CORTA PARA:

8 EXT. ESTRADA -- AMANHECER

8

O sol nascendo no sertão. Quatro bicicletas velhas cruzam o quadro, atulhadas de gente e tralhas. O contra-luz nos impede de ver os detalhes das figuras, que passam recortadas diante do sol.

CORTA PARA:

9 EXT. BEIRA DE ESTRADA/AÇUDE -- DIA

9

A estrada em primeiro plano. Mais adiante, um açude, onde Rose lava Cícero, com a ajuda de Suelena.

Passam carros e caminhões, cortando o quadro e ocultando os personagens, de tempos em tempos.

Na margem, sentados junto a quatro bicicletas, os quatro "homens" da família, todos de cabelos molhados: Romão (acendendo um cigarro), Antônio, Clévis e Rodney. Clévis não consegue ficar quieto. Clévis se sacode como se dançasse, murmura algo como uma canção (mas não dá para discernir o que é). Ele tem um headphone pendurado nas orelhas e dança com o fio, que não está conectado a nada .

\*  
\*  
\*  
\*

Vemos que Rose segura Cícero enquanto Suelena passa um pano úmido no seu corpo. A menina se concentra no que faz, toda séria.

Uma carreta corta o quadro.

CORTA PARA:

10 EXT. BEIRA DE ESTRADA/AÇUDE -- MAIS TARDE

10

Rose está com o bebê no colo. Caminhões cortam o quadro.

ROSE

Cícero tá fazendo cocô. Antônio, me  
passe um pano aí, que Cícero fez  
cocô!

Antônio corre até uma bicicleta que tem uma grande trouxa amarrada ao quadro. Tira um pano de dentro da trouxa. Corre até Rose, dá o pano limpo para ela, que sem prestar atenção lhe devolve o pano sujo. Antônio se mela todo.

CL...VIS

Olha o Antônio todo sujo de cocô!

Romão ri muito do filho cagado. Antônio não acha a menor graça.

CORTA PARA:

11 EXT. BEIRA DE ESTRADA/AÇUDE -- DIA

11

O sol se põe no horizonte seco. Silêncio. O ruído de um veículo vai crescendo: um caminhão corta a tela - nem o vemos por inteiro, só sua carroceria oculta o sol por um instante. Silêncio. Outro som de veículo. Uma jamanta, ainda maior que o caminhão, passa zunindo. Silêncio. Um barulhinho de nada: rodas sobre o cascalho do acostamento, algo como respirações abafadas.

Outro caminhão passa e encobre as bicicletas e o sol e, antes que ele saia de quadro...

CORTA PARA:

12 EXT. ESTRADA -- DIA 12

Sol a pino, inclemente. As quatro bicicletas vêm em nossa direção, em fila indiana. Na primeira delas, vemos Romão, com Suelena na garupa e um galão d'água de tamanho respeitável preso ao quadro. Ele pedala aclive acima, mas seu rosto, que agora vemos em primeiro plano, mal trai o esforço.

SUELENA

Falta muito, pai?

Romão não responde.

CORTA PARA:

13 EXT. ESTRADA -- DIA 13

O sol ainda bem forte, mas o trecho da estrada agora é plano. O acostamento em mau estado faz com que as bicicletas trepidem muito. Passam por nós Romão e Suelena. Vemos então que a segunda bicicleta da fila é pilotada por Clévis. Preso à bicicleta dele, o bujãozinho do lampião. A bicicleta se destaca das outras da trupe também por ser cheia de papeizinhos presos aos aros e outros enfeites improvisados.

CL...VIS

(cantando)

Eu sou terrível  
Vou lhe dizer!  
E ponho mesmo  
Pra derreter!

Nesse momento, Antônio o ultrapassa com sua bicicleta. Vemos que ele também está carregado: além de um velho tapete enrolado na garupa, ele leva Rodney sobre o quadro.

Clévis, ao ser ultrapassado, mete a perna, faz um esforço para alcançar Antônio, e grita:

CL...VIS (CONT'D)

Ééééééé! Eu sou terrível!!!

A cantoria ecoa pela estrada agora vazia. Depois de um tempo, entra em quadro a última bicicleta, pilotada com dificuldade por Rose, que carrega Cícero numa cadeirinha.

ROSE

Meninos! Vocês me esperem!

E lá vai a caravana de bicicletas.

CORTA PARA:

14 EXT. ESTRADA -- ANOITECER

14

O sol quase já se pôs. A estrada agora é em declive. Passam por nós as bicicletas de Romão (com Suelena) e Clévis. Vemos então que a terceira bicicleta da fila agora é a de Rose.

Vemos a bicicleta de Rose se afastando. Passa por nós a bicicleta de Antônio, com Rodney.

Antônio pedala, Rodney se equilibra sobre o quadro. A estrada se estende para trás deles.

CORTA PARA:

15 EXT. ESTRADA -- NOITE

15

Breu total. Não se vê nada. Nada. Escutamos apenas o ruído das pedaladas, das correntes das bicicletas, as respirações dos ciclistas.

O ruído de um carro distante. O ruído de um carro, um pouco menos distante.

O farol do carro ilumina brevemente, por trás, as quatro bicicletas. O carro passa. Breu outra vez.

A respiração de Rose. Vemos (ou melhor, não vemos) a estrada do ponto-de-vista dela. Surge um par de faróis lá longe. Os faróis mais próximos, chega o ruído do caminhão. Vemos a silhueta de Rose recortada pelos faróis do caminhão. O caminhão passa, barulho, buzina longa e grave do caminhão, deslocamento de ar e, na garupa de Rose:

CÍCERO (O.S.)

Buá Buá Buá Buá Buá!!!

O berreiro de CÍCERO ecoa na escuridão total.

CORTA PARA:

16 EXT. ACOSTAMENTO -- NOITE

16

A família quase toda em torno do lampião. As bicicletas encostadas por perto. Escutamos de vez em quando o barulho de um ou outro carro que passa.

Bem perto dali, Antônio segura sua bicicleta, enquanto Rodney aciona uma bomba para encher um pneu.

ANT'NIO

(para Rodney)

Tô com sono, Rodney. Anda com isso.

Rodney não responde. Levanta a cabeça por um instante para olhar o irmão. Dá uma risada boba e volta a bombar desajeitadamente.

CORTA PARA:

17 EXT. ACOSTAMENTO -- MAIS TARDE 17

A família dorme cercada de sacolas e panos, amontoada sobre o tapete, debaixo de uma árvore. Antônio é o único de olhos abertos. Ele olha para cima, para o céu tremendamente estrelado. \*

Ao lado dele, Rodney se mexe dormindo.

RODNEY

(sonhando)

Deixa que eu chuto! Deixa que eu chuto!

Antônio olha para ele. Dá uma cutucada no irmão, que se sobressalta e, sem acordar, vira-se de lado e pára de falar.

CORTA PARA:

18 EXT. ESTRADA -- DIA 18

Série de planos de detalhe, pontos-de-vista das bicicletas:

A estrada, os carros passando.

O chão passa rápido sob a bicicleta.

O asfalto. O asfalto.

O chão já não passa tão rápido sob a bicicleta.

O piso irregular do acostamento.

Uma perna que pedala com extremo esforço.

O rosto exausto de Rose. Vemos uma placa: Juazeiro do Norte  
420 Km

CORTA PARA:

19 INT. RESTAURANTE DE BEIRA DE ESTRADA -- DIA 19

Clévis em cima de uma cadeira. Ao fundo painel pintado retrata a estrada. \*

CL...VIS

(fala decorado)

Os senhores e as senhoras me desculpem perturbar a refeição dos senhores e das senhoras mas eu queria pedir a sua licença para alegrar o seu dia com algumas músicas do nosso rei, Roberto Carlos!

Caminhoneiros e algumas famílias almoçam. Circulam garçons com espetos de churrasco. Olham para Clévis, que está em cima de uma cadeira. \*

Tempo. Clévis começa então a cantar. O contraste com o falatório decorado é evidente: ele canta bem e com desenvoltura.

CL...VIS (CONT'D)

Ah, eu vim aqui, amor,  
Só pra me despedir  
E as últimas palavras  
Desse nosso amor  
Você vai ter que ouvir...

Rodney corre as mesas com um saco plástico. Muitas pessoas contribuem. Caminhoneiros se aconchegam às suas companhias femininas.

CORTA PARA:

20 EXT. RESTAURANTE DE BEIRA DE ESTRADA -- ANOITECER 20

Rodney abre o saco plástico em cima do tapete, diante de Romão. Caem muitas moedas e várias notas de um real. Sempre com um cigarro na boca, Romão conta o dinheiro.

ROM O  
Bendita cantoria.

Rose ajeita Cícero num canto, enrolado em panos, e se levanta com dificuldade. Romão percebe.

ROM O (CONT'D)  
(para Rose)  
Tá cansada, mulher?

Ela dá mais uns passos. Sua perna bambeia. Romão corre e a ampara. Eles se abraçam e ela chora.

ROM O (CONT'D)  
(oferecendo o cigarro  
a Rose)  
Toma.

Rose pega o cigarro e dá uma tragada. O rosto todo molhado de choro. Antônio testemunha a cena.

CORTA PARA:

21 EXT. RESTAURANTE DE BEIRA DE ESTRADA -- NOITE 21

Passamos por Rose, que dorme abraçada a Cícero.

Passamos por Rodney e Suelena, que também dormem.

Um pouco adiante, passamos por Romão, Clévis e Antônio, que jogam dominó junto à porta do restaurante, agora fechado.

ROM O  
O dia que vocês por filho no mundo.  
(MORE)

ROM O (CONT'D)

Esse dia vai chegar. O dia que vocês por filho no mundo, vocês não pode esquecer: filho não pediu pra nascer. Quem botou no mundo tem obrigação de cuidar.

CORTA PARA:

22 EXT. ESTRADA -- DIA 22

O sol nascendo e nossos heróis já estão na estrada. Agora vão na frente as bicicletas de Antônio e de Clévis. Romão segue lá atrás, por último, escoltando Rose.

CORTA PARA:

23 EXT. ESTRADA -- TARDE 23

Romão pedala forte, com Suelena sentada no quadro. É visível o seu esforço para pedalar mais rápido.

CL...VIS (O.S.)

Pai!

Romão continua pedalando.

CL...VIS (O.S.) (CONT'D)

Pai!

Romão reduz a marcha, contrariado. Pára. Olha para trás.

Meio distantes, ele vê as bicicletas pilotadas por Clévis e Rose (com Cícero), e a de Antônio por último. Eles vão se aproximando.

ANT'NIO

A gente tá muito cansado.

O rosto normalmente alegre de Clévis, agora está fechado pelo cansaço.

ROM O (O.S.)

Vocês têm que agüentar.

Romão, sério como sempre:

ROM O (CONT'D)

Daqui a pouco cai a noite. Eu quero chegar logo num posto.

Na estrada, onde no momento não passa nenhum carro, margeada por uma vegetação baixa e queimada (nem sinal de nenhum abrigo), as quatro bicicletas e seus tripulantes são o ponto mais alto no horizonte.

## ROM O (CONT'D)

Ou vocês querem passar a noite aqui?

CORTA PARA:

24 EXT. POSTO MILÊNIO -- ANOITECER 24

No meio do nada, ergue-se um posto de gasolina e serviços imenso, brilhando de novo, iluminado como um aeroporto: o Posto Milênio. Nossas bicicletas chegam a esse estranho estabelecimento.

Ninguém lhes dá muita bola, e eles percorrem o lugar. Vemos várias pequenas construções, cujas funções não temos como imaginar. A família está diante de uma delas, de onde vem som de tevê. Trata-se de um programa infantil, apresentado por uma jovem loira saltitante.

\*  
\*

Suelena corre na frente do pai e se debruça na janela. Toda a família sorri.

Vemos que a família olha para dentro de uma espécie de salão. No fundo desse salão, diante de umas dez ou doze fileiras de mais ou menos cinco espreguiçadeiras cada (algumas ocupadas por CAMINHONEIROS), encontra-se uma parede coberta de televisores (eles não sabem disso, mas trata-se de um video wall) colados uns aos outros, todos ligados formando a imagem do programa infantil.

\*

Suelena e Rodney querem entrar no salão para ver o programa. Romão os segura. Um olhar do pai basta para que as crianças entendam que não podem entrar ali. Ao comando mudo de Romão, todos se afastam do lugar, os meninos menores olhando para trás, para a tevê.

\*  
\*  
\*  
\*  
\*

CORTA PARA:

25 EXT. FUNDOS DO POSTO MILÊNIO -- NOITE 25

Toda a família sobre ou em torno do tapete, com suas tralhas e, claro, suas bicicletas, tudo e todos encostados à parede dos fundos da administração do Posto Milênio. O local fica na transição entre a área urbanizada do posto e a vegetação sertaneja.

\*

Som de rádio, distante.

LOCUTOR (O.S.)

(imita a voz e o jeito  
de falar de Roberto  
Carlos, mas com  
sotaque nordestino)

Garota, você que é fãzoca pra valer.  
Bicho, você que está numa boa, no  
motel, curtindo aquele amorzinho  
gostoso com a sua gata... essa...  
essa é pra você:

Entram primeiros acordes de uma canção de Roberto Carlos.

Antônio finge que dorme.

Embolados e abraçados, Suelena e Rodney costumam a pegar no sono.

Rose embala Cícero no colo, silenciosamente.

De costas para ela e para os outros, na beira do mato, Romão fuma um cigarro. Clévis, ao lado do pai, acompanha baixinho a canção de Roberto Carlos que escutamos ao longe.

CL...VIS

Cada parte de nós  
Tem a forma ideal  
Quando juntas estão  
Coincidência total  
O côncavo e o convexo  
No sexo-

ROSE

Fica quieto, menino!

Clévis baixa mais a voz, mas não pára totalmente de cantar.

CL...VIS

(olhando de soslaio  
para Romão)

...no sexo...

Romão devolve-lhe um olhar cala-boca, que afinal o menino respeita.

CORTA PARA:

26 EXT. POSTO MILÊNIO -- NOITE

26

Muitos caminhões estacionados, alguns com luzes acesas nas boléias. O restaurante, já fechado, mas ainda com algumas luzes acesas. Muitas luzes. Duas áreas de abastecimento, com longas, bem iluminadas e limpíssimas valas para atendimento aos caminhões.

É nesse cenário futurístico rodoviário, no momento deserto, que vemos o pequeno Rodney caminhar sozinho (vindo dos fundos para a frente e o centro do posto).

CORTA PARA:

27 EXT. FUNDOS DO POSTO MILÊNIO -- NOITE

27

Antônio acorda. Olha em volta. Romão e Rose dormem com Cícero entre eles, também adormecido.

Levanta-se. Entra para o mato. Sonolento, elege um arbusto e começa a fazer xixi. De onde está, ele vê o pequeno acampamento da família.

Percebemos que ele nota alguma coisa. Termina o xixi e, pé ante pé, aproxima-se do canto onde dormem seus irmãos menores. Lá estão Suelena e Clévis, adormecidos. Antônio olha em volta. Está apreensivo.

CORTA PARA:

28 EXT. POSTO MILÊNIO -- NOITE

28

Antônio sozinho no mesmo cenário desértico em que há pouco vimos Rodney.

Ele passa pelas bombas de combustível. Olha dentro das valas.

Corre na direção onde estão estacionados os caminhões. Corre entre eles, em ziguezague, se abaixando para olhar sob os eixos, pulando para olhar dentro das boléias.

É surpreendido quando a porta de um dos caminhões se abre. Ele bate com o peito na porta, quase cai para trás. De dentro do caminhão sai uma PUTA ADOLESCENTE. Magrela, shortinho sumário, "top" amarelo. A cara de adolescente coberta de maquiagem mal-feita (e meio desfeita).

Ele olha para ela com intensidade, e mal se dá conta de que depois dela desce do caminhão o CAMINHONEIRO GAÚCHO.

CAMINHONEIRO GA/CHO  
Procurando alguma coisa, tchê?

A puta adolescente sai para um lado, e Antônio correndo pro outro.

Nessa corrida, Antônio se depara com a entrada do salão do video wall. Na entrada, lemos:

"BEM-VINDO AO SEU SALÃO DE LAZER, IRMÃO CAMINHONEIRO".

Antônio adentra o salão.

CORTA PARA:

29 INT. SALÃO DE LAZER/POSTO MILÊNIO -- NOITE

29

Ruído de TV fora do ar.

Existe um corredor entre a parede da direita do salão e as espreguiçadeiras. Antônio avança por ali (em direção ao fundo do salão), olhando para dentro de cada uma das fileiras. Numa delas, quase a última, encontra Rodney, profundamente adormecido. Ele chega a ir na direção do irmão para acordá-lo...

ANT'NIO  
(em voz baixa)  
Se o pai te pega.

... mas pára. Olha em volta, resolve explorar mais o estranho ambiente.

Inspeciona o video wall. Nessa inspeção, encontra um videocassete embutido na parede, abaixo dos monitores. Uma fita está ejetada da boca do aparelho. Antônio a empurra para dentro.

Antônio de pé diante do video wall, o rosto colorido pelas imagens que entram na tela nesse instante.

O olhar de Antônio é atento. E fica mais atento a cada instante.

Escutamos o diálogo do filme. O volume é bastante alto.

MULHER NUA (O.S.)  
Just in time, soldier.

HOMEM NU (O.S.)  
(falando inglês com  
sotaque mexicano)  
All I need is a screw, señora, and  
your problems will be history.

Vemos a tela do video wall, com Antônio silhuetado diante dela (de costas para nós). Na tela, um HOMEM NU, de costas, diante de uma MULHER NUA recostada em pose "sexy" a um jeep cujo capô está aberto (ela parcialmente encoberta pelo Homem Nu). Ela mostra para ele uma chave-de-parafuso. Eles estão numa estrada, no deserto.

MULHER NUA  
You mean a screw...DRIVER, don't  
you, hombre?

Antônio: de olhos arregalados. Escutamos um burburinho vindo de fora do salão, mas isso não distrai Antônio.

HOMEM NU (O.S.)  
La señora knows what screw I have in  
mind.

CORTA PARA:

30 EXT. POSTO MILÊNIO -- NOITE

30

FRENTISTAS alarmados e um SEGURANÇA atônito partem em direção ao salão de lazer. Escutamos o som do filme pornô.

MULHER NUA (O.S.)  
Hombre, what a tool!

CORTA PARA:

31 INT. SALÃO DE LAZER/POSTO MILÊNIO -- NOITE

31

Antônio praticamente congelado na mesma posição diante do video wall. Vemos que, duas fileiras atrás dele, RODNEY está desperto e também vê o filme pornô.

MULHER NUA (O.S.)

Oh, fuck me, oh, jesus, oh...

Os frentistas chegam ao salão. O Segurança entra e vai direto para o videocassete.

HOMEM NU (O.S.)

Ay, caramba! Que viva Zapa-

O Segurança desliga o videocassete. Volta-se para Antônio.

SEGURAN«A

Mas que porra é essa moleque? Quem te mandou-

Rodney corre para a porta, por onde entra Romão.

ROM O

Mas, Antônio!

Ao passar pelo pai, empurrado pelo segurança, Antônio leva de Romão um tapa na orelha.

\*  
\*

ROM O (CONT'D)

E deixa seu irmão ver essas coisas.  
O que é que você tem na cabeça?

\*  
\*  
\*

ANT'NIO

(para si)  
Ele não vai lembrar de nada mesmo.

\*  
\*  
\*

CORTA PARA:

\*

32 EXT. ESTRADA -- NOITE

32

As quatro bicicletas afastam-se lentamente do Posto Milênio, cujas luzes nos permitem entrever os vultos dos ciclistas, Antônio à frente (como sempre, com Rodney) e Romão logo em seguida (com Suelena).

ROM O

(olhando para Antônio)  
Isso não é filho. Isso é castigo do céu.

CORTA PARA:

33 EXT. ESTRADA -- MADRUGADA

33

Clévis dá um longo bocejo.

O dia está quase nascendo. As quatro bicicletas se deslocam bem devagar, sonolentas. Romão e Antônio de cara amarrada.

CORTA PARA:

34 EXT. ESTRADA -- TARDE 34

Vemos as quatro bicicletas num vale, diante da estrada, em perspectiva. Subimos e vemos o estradão diante deles, uma linha reta ao longo do vale, a perder de vista. Eles pequenos diante de tudo aquilo.

CORTA PARA:

35 EXT. POSTO RODOVIÁRIO -- ANOITECER 35

Uma cidade pequena na beira da BR, um posto rodoviário mínimo. Uma plataforma, um guichê de passagens e um botequim na beira da rua. Dentro do botequim, uma tevê ligada.

Na tevê, um programa sensacionalista, com um apresentador vociferante. \*

\*  
\*

Próximos dali, numa outra ponta do balcão do boteco, Romão (que divide a atenção entre a tevê e o filho) e Antônio discutem.

ROM O

(tira um cigarro do  
maço)

O seguinte é esse, o homem tem que  
trabalhar desde cedo. Na sua idade  
eu já era homem.

Escutamos que, na tevê, entra o intervalo comercial. O ruído dos comerciais permanece como fundo de toda a seqüência daqui por diante.

ANT'NIO

(sem firmeza)

Eu sou homem.

ROM O

(ri)

Um homem que não ganha um dinheiro?  
Que não tem uma mulher?

(acende o cigarro e  
traga)

Teu irmão é mais homem que você.  
Pelo menos ele ganha lá um dinheiro  
com as cantoria dele.

ANTÔNIO pega o maço de cigarros do pai. Mas nem chega a tirar um cigarro.

ROM O (CONT'D)  
 (tira o maço da mão  
 do filho)  
 Dá isso aqui.

Romão volta-se para tevê, onde recomeça o programa  
 sensacionalista.

\*  
 \*

CORTA PARA:

36 EXT. ESTRADA -- DIA 36

Vemos a estrada do ponto-de-vista de Antônio. As bicicletas  
 de Romão e de Clévis estão longe, adiante.

ROSE (O.S.)  
 Teu pai sabe o que faz, Antônio.

ANT'NIO  
 Sabe nada. Sair no mundo com essas  
 bicicletas-

Ele olha para o lado. A bicicleta de Rose está emparelhada à  
 sua.

ROSE  
 Ele é teu pai.

ANT'NIO  
 E daí?

CORTA PARA:

37 EXT. CABROBÓ -- DIA 37

Vento. Poeira. As quatro bicicletas no chão de barro à beira  
 da BR. Não há abrigo. Nem árvore, nem marquise, nem nada.  
 Ambiente completamente hostil. Os carros, a maioria caminhões  
 pesados, passam em alta velocidade. Muito barulho dos carros.

\*

Temos uma visão geral de Cabrobó. Um aglomerado feio de  
 construções baixas cortado ao meio por uma única via  
 pavimentada, a BR. Todas as ruas são de barro muito seco.  
 Não há calçadas.

Acompanhamos, à distância, o deslocamento dos nossos  
 personagens por aquela terra de Marlboro.

38 EXT. RUA DE TERRA/CABROBÓ -- DIA 38

Ponto-de-vista de Antônio, pedalando. Ele é o último da fila  
 de bicicletas. Logo à frente, Rose com Cícero. À frente  
 desta, Clévis. O primeiro da fila é Romão, com Suelena.  
 Passamos por casas fechadas, botequins vazios ou pequenos  
 aglomerados de homens sombrios.

Antônio acelera. Sempre do ponto de vista dele, vemos que  
 ele ultrapassa primeiro a bicicleta da mãe, depois a do irmão.

Ele precisa fazer um pouco mais de esforço para ultrapassar o pai. Afinal, consegue.

Não tem ninguém diante de si, só a paisagem poeirenta, feia. Pedala mais forte, ganha velocidade.

ROM O (O.S.)  
Antônio! Pare aí Antônio.

ANTÔNIO morde o canto da boca. Pára de pedalar. Freia a bicicleta metendo o pé descalço no barro vermelho do chão.

ROMÃO pára ao lado dele.

ROM O (CONT'D)  
(puto da vida)  
Não te disse pra acompanhar sua mãe?

ROSE vem chegando, no seu pedalar vacilante.

ANT'NIO  
Ela vai muito devagar.

ROM O  
Você preste atenção. Isso não é brinquedo. Mandei, tá mandado. \*

Clévis faz caretas para Antônio, por trás de Romão.

39 EXT. OLARIA/CABROBÓ -- DIA

39 \*

Rose, com Cícero, tenta acomodar-se junto à lateral de uma olaria aparentemente abandonada. Antônio a ajuda. \*

\*

ROM O  
(montado na bicicleta;  
para Rose)  
Vou só ver se arranjo um comer e já volto.  
(para Antônio) \*

\*

E você não saia daqui. Ajude sua mãe. \*

\*

Romão e as outras crianças se afastam em suas bicicletas.

No chão, em torno de Rose e Antônio, vemos as mesmas bujigangas de sempre (tapete, bujão etc.) e as bicicletas de Rose e Antônio. Bolsas de roupa, sacola de comida, galão d'água, um pequeno acampamento um tanto desarrumado.

De repente, Rose leva um empurrão de um homem baixinho, muito magro, mirrado, com pinta de MAU-ELEMENTO. Cara de quem compra briga, atitude hostil. Ele fala para Rose, ignorando Antônio, que está ao lado da mãe, tomando conta das tralhas da família e de Cícero. \*

\*

MAU-ELEMENTO (O.S.)

Que bagunça é essa? A senhora está pensando o que? Isso não é lugar.

ROSE

(pega Cícero no colo)

O senhor me desculpe, mas é que eu mais meus meninos-

MAU-ELEMENTO

Não quero saber.

(empurra com o pé uma bolsa)

Antônio quase toma uma atitude, mas não consegue. Percebemos que o Mau-elemento não é maior que ele.

MAU-ELEMENTO (CONT'D)

(chuta uma panela)

Vê se isso aqui é ponto de vagabundo.

ROSE

Moço, não faça isso!

Antônio corre e empurra o Mau-elemento, que se desequilibra e cai de bunda no chão. Antônio tem um instante quase que de satisfação, que vemos estampada em seu rosto, mas isso porque ele não vê o que nós vemos: às suas costas, dois BRUTAMONTES que vêm correndo na sua direção.

Eles pegam Antônio pelos braços. Rose grita. Tensão. O Mau-elemento levanta do chão, irado, e saca uma faca. Os brutamontes seguram Antônio, imprensado contra a parede do galpão. O Mau-elemento aproxima a faca em riste do rosto de Antônio. Rose - com Cícero no colo - tenta agarrar o braço do homem, mas ele a empurra violentamente. Cícero chora. Rose levanta de novo. O Mau-elemento ordena a um dos brutamontes:

MAU-ELEMENTO

Segura essa piranha.

Um dos homens impede que Rose se aproxime, enquanto o outro segura Antônio por trás, pelos dois braços. O Mau-elemento segura o rosto do rapaz com uma mão e a faca com a outra.

\*

MAU-ELEMENTO (CONT'D)

O pirralho gosta de meter o nariz onde não é chamado.

(enfia a ponta da faca numa das narinas de Antônio)

Pois tome!

Ele puxa de um só golpe a faca para cima, rasgando a asa do nariz de Antônio. O sangue espirra. Antônio berra de dor. Rose grita. Cícero chora.

## MAU-ELEMENTO (CONT'D)

Vamos tirar a macheza dele.

Vai arrancar o short de Antônio. É interrompido por uma buzina, que se impõe por sobre os berros todos. Um carro grande, um opalão marrom, pára diante da cena, levantando poeira.

Desce do carro um homem imenso (PORFÍRIO), alto e corpulento, a cara coberta de cicatrizes, espinhas e acne. A respiração ofegante, a voz potente.

## PORFÓRIO

Putá que o pariu.

Com um único gesto, sem esforço aparente, joga longe o Mau-elemento, que mais uma vez cai pateticamente de bunda no chão. Fica de frente para Antônio, que trinca os dentes para não chorar de dor. O sangue escorreu do nariz pelo rosto, pescoço e peito, e fez uma trilha. Rose nem consegue falar, está em choque.

## PORFÓRIO (CONT'D)

Alguém vê se leva esse moleque pro posto. Faz um curativo nesse focinho. Depois traz ele aqui.

(volta-se para Rose.

Fixa o olhar em Cícero)

'Ces são uns fudidos. Esses moleques, eles tem pai, dona coisa?

## ROSE

Não faz mal a gente, pelo amor de Deus.

## PORFÓRIO

Isso aqui é Cabrobó, dona. Deus nem sabe que Cabrobó existe.

40 INT. OLARIA/CABROBÓ -- DIA

40 \*

O interior de uma velha olaria. Luz irregular: parte vem de umas poucas lâmpadas nuas que descem em fios compridos, parte luz solar que força passagem pelos rombos das telhas de amianto. Por conta dessa iluminação precária, temos apenas uma vaga idéia do lugar. Entrevemos volumes, apenas.

\*

\*

\*

Romão e Antônio diante de Porfírio. Antônio tem sangue coagulado no nariz, e a camisa toda manchada de vermelho.

\*

## ROM O

O senhor me desculpe, seu Porfiro-

## PORFÓRIO

(corrigindo a pronúncia)

PorfÍRIO. PorfÍRIO.

ROM O  
 Seu Porfírio, o senhor me desculpe.  
 O menino ficou nervoso através que o  
 homem tava bulindo com a mãe dele.

O pai olha para o filho, que desvia o olhar para o chão.

PORFÓRIO  
 O que é que vocês estão fazendo aqui?

ROM O  
 O seguinte é esse: a gente caiu na  
 estrada atrás de um serviço. Eu  
 preciso de um serviço pra dá o de  
 comer a esses meninos tudo, a essa  
 mulher. Um serviço de mil reais por  
 mês. Mil reais.

PORFÓRIO  
 Emprego de mil reais?

\*  
 \*

Acompanhamos o olhar de Porfírio e só agora percebemos que o  
 resto da família (Rose, Cícero, Clévis, Suelena e Rodney)  
 está todo encolhido num canto escuro, vigiado por um dos  
 brutamontes.

ROM O  
 Minha destinação é o Juazeiro do  
 Padre Cícero, que é meu padrinho e  
 vai me ajudar. Mas se no caminho eu  
 arranjar um serviço de mil reais, eu  
 fico onde for.

\*

PORFÓRIO  
 Eu sou um filho da puta.

ROM O  
 O senhor...

PORFÓRIO  
 Eu sou um filho da puta. Aqui só tem  
 filho da puta. Você é filho da puta?

\*

ROM O  
 ...

PORFÓRIO  
 Esse teu menino, aí, ele é filho da  
 puta?

Antônio levanta a cabeça.

PORFÓRIO (CONT'D)  
 Aqui só tem serviço pra filho da  
 puta. Pra bandido. Pra cabra ruim.  
 Some daqui, sai dessa terra...

\*

CORTA PARA:

- 41 EXT. OLARIA/CABROBÓ -- DIA 41 \*
- Fundos da olaria. Rose faz um curativo no nariz de Antônio.  
Enquanto Romão e os outros filhos arrumam as bicicletas. \*
- PORFÓRIO (V.O.) \*
- ...Pega hoje ainda a estrada pro \*
- norte, na direção da Paraíba... \*
- 42 EXT. ESTRADA -- DIA 42
- As quatro bicicletas na estrada quase deserta. A paisagem  
seca. Casas abandonadas, destelhadas. Chão rachado.
- PORFÓRIO (V.O.)
- ...Vai até São Bento das redes. Lá
- vai ter serviço pra você...
- CORTA PARA: \*
- 43 EXT. ESTRADA -- NOITE 43
- Mais uma vez, o breu, as quatro bicicletas entrevistadas apenas  
quando iluminadas pelos faróis de um carro ou caminhão.
- PORFÓRIO (V.O.)
- ...A cidade é rica, tem lugar pra
- pobre viver que nem pobre...
- CORTA PARA:
- 44 EXT. SÃO BENTO -- AMANHECER 44
- Entrada da cidade de São Bento. A paisagem contrasta com as  
estradas que temos visto: muito verde, muitos carros.
- PORFÓRIO (V.O.)
- ...Essa vida de merda que pobre vive.
- As quatro bicicletas passam por uma fileira de outdoors  
descascados, anunciando roupas femininas "de grife".
- CORTA PARA:
- 45 EXT. PONTE/SÃO BENTO -- DIA 45
- As quatro bicicletas passam por uma ponte asfaltada, curta  
mas larga, de mão dupla. Eles param bem no meio da ponte.  
Rose olha para baixo. Debaixo da ponte corre um rio à beira  
do qual muitas mulheres lavam roupas. A larga praia de rio  
está em parte coberta por roupas e lençóis. Uma grande  
lavanderia comunitária a céu aberto.
- CORTA PARA:

46 EXT. DEBAIXO DA PONTE/SÃO BENTO -- DIA

46

Rose corta um naco de um tablete de sabão de côco. Entrega para Clévis. Suelena tenta imitar a mãe com um pedaço menor de sabão.

ROSE

Toma. Pra você mais Antônio.

CL...VIS

Eu quero um só pra mim.

ROSE

Lava primeiro a cabeça, depois a roupa e o corpo. Senão, vai encher a cabeça de terra.

CL...VIS

Eu quero-

ROSE

Anda daí, menino.

Antônio passa e pega o sabão da mão de Clévis.

CL...VIS

Ei!

Antônio corre na frente do irmão, em direção ao rio. Entra n'água, por entre algumas senhoras que lavam roupa.

Mais adiante, entre algumas pedras, Romão supervisiona o banho de Rodney, ele mesmo aproveitando para se lavar.

Obs: não esquecer que Antônio está com o curativo no nariz (e continuará com ele por um bom tempo).

Uma mulher de 40 e poucos anos, magra, de riso aberto, dentes grandes (JUREMA), vê a correria dos garotos e comenta com Rose.

JUREMA

Esses meninos devem de dar um trabalho.

ROSE

(sorrindo um tanto timidamente)

Vixe! Nem lhe conto.

CORTA PARA:

47 EXT. PONTE/SÃO BENTO -- DIA

47

Fim de tarde. As quatro bicicletas de volta à ponte, empurradas por seus "pilotos", que vêm do rio, de banho tomado. Jurema os acompanha, conversando com Rose.

\*

ROSE

Dona Jurema, a senhora não sabe o que a gente passa nessa estrada.

JUREMA

(abre o sorriso)

Também, de bicicleta, né minha filha!? Esse teu homem é um cabra muito doido mesmo!

(ri alto. Romão dá-lhe um olhar meio atravessado. Rose tenta segurar o riso)

Mas fica em paz, minha filha. Meu marido vai ajudar vocês. Todo mundo conhece ele aqui, o povo adora ele.

CORTA PARA:

48 INT. CASA DE DONA JUREMA -- NOITE

48

Um diploma pendurado na parede descascada.

ROSE (O.S.)

(lendo, com Cícero no colo)

O tribunal regional eleitoral do estado da Paraíba, seção do município de São Bento, atesta que Severino João de Souza...

Estamos numa espécie de pequeno quintal parcialmente coberto, com uma grande mesa de madeira crua e uma comunicação com o interior da casa. O diploma está na parede junto à porta, Rose de pé diante dele e, ao lado dela, um homem magro (SEVERINO), vestindo roupas humildes mas decentes, de aparentes 50 anos. Romão, Antônio, Clévis, Suelena e Rodney estão sentados à mesa.

ROSE (CONT'D)

(ainda lendo)

...teve 273 votos no pleito de 10 de outubro de 1998, com os-

Jurema vem da cozinha, carregando uma grande travessa de comida.

JUREMA

(como se estivesse lendo)

Com os quais conquistou o direito a uma cadeira na assembléia legislativa desse município como vereador!

(MORE)

JUREMA (CONT'D)

(gargalha enquanto  
pousa a travessa na  
mesa. Olha para  
Severino)

Homem, será possível que toda visita  
tem que ler esse negócio! Deixa de  
ser exibido!

SEVERINO

Foi ela quem viu, eu não mostrei  
nada.

Jurema puxa Rose pela mão, em direção à cozinha.

JUREMA

Vem, Rose, me ajuda aqui na cozinha,  
deixa esses homens aí.

As duas entram para a casa. Severino senta-se à mesa, ao  
lado de Romão.

ROM O

Quer dizer que o senhor é vereador.

SEVERINO

O povo aqui gosta de mim. Quando  
alguém tá precisado, eu sempre tomo  
a iniciativa de passar um chapéu,  
levantar uma ajuda.

(severino repara no  
curativo no nariz de  
Antônio, mas não  
comenta nada)

Mas...que idéia foi essa, seu Romão,  
de ir pra estrada de bicicleta?

CORTA PARA:

49 EXT. CASA DE DONA JUREMA -- NOITE

49

A frente da casa. Casa simples, uma janela frontal, uma porta  
estreita, sem varanda nem calçada de frente para a rua quieta,  
sem nenhum movimento a não ser um ou outro passante. Romão e  
Severino sentados em banquinhos, diante da casa. Antônio  
perto deles, fazendo alguma manutenção em sua bicicleta.  
Clévis, lado do pai, cantarola.

CL...VIS

Por isso corro demais  
Corro demais, corro demais  
Só pra te ver meu bem...

Clévis não pára de cantar, enquanto os adultos conversam.

SEVERINO

O senhor sabe que São Bento é a cidade das redes. Aqui todo mundo trabalha com rede, e a rede daqui vende pro Brasil todo.

ROM O

Minha carteira é classe "D". Posso dirigir todo tipo de veículo, caminhão, carreta. Só não posso pegar caminhão de combustível. Aí já é outra categoria.

\*

SEVERINO

Jurema me disse que sua esposa já trabalhou com rede. Que fazia mambucaba.

ROM O

É, ela fazia, sim... O amigo teria um cigarro?

Severino tira um maço de cigarros e um isqueiro do bolso da camisa. Entrega um a Romão, fica com outro. Acende o cigarro de Romão antes de acender o seu próprio.

SEVERINO

Amanhã, bem cedo-

Antônio se aproxima e, com a súbita falta de tato típica dos tímidos quando se aventuram, interrompe o dono da casa.

ANT'NIO

O senhor me dá um cigarro também?

Severino olha o garoto. Avalia. Olha para Romão. Tempo. Romão faz que sim com a cabeça, olhando sério para Antônio. Severino então tira um cigarro e estende para Antônio.

Antônio não é o jovem mais confiante do mundo quando pega o cigarro da mão do homem e o coloca na boca. Severino estende então o próprio cigarro para que o rapaz acenda o seu na brasa do dele.

DETALHE: O CIGARRO NA BOCA DE ANTÔNIO, O NARIZ COBERTO DE ESPARADRAPO

Nesse instante, Clévis canta ligeiramente mais alto.

CL...VIS

Corro demais!

Corro demais!

Corro demais, só pra te ver meu bem!

Antônio traga e... dá uma violenta tossida. Clévis dá uma boa gargalhada. Severino também ri.

Romão olha para o filho com um meio sorriso.

CORTA PARA:

50 INT. CASA DE DONA JUREMA -- NOITE

50

Severino entra na casa pela porta da rua, seguido por Romão, Clévis e Antônio, em fila. A sala: uma tv ligada, um som desproporcionalmente "moderno", quadros e fotos na parede, poucos móveis bastante velhos. Paredes de cores diferentes, nenhuma delas branca. O resto da casa segue o mesmo padrão.

SEVERINO

(caminhando enquanto  
fala)

Aqui não falta serviço.

ROM O

Mas tem uma coisa.

SEVERINO

Coisa?

Eles agora estão passando pelo estreito corredor único da casa.

ROM O

O seguinte é esse-

SEVERINO

Que coisa, homem?

ROM O

Pra viver mais a família, eu preciso  
de um serviço de mil reais.

SEVERINO

(assombrado)

Mil reais?

\*

Passam pela cozinha. Uma chaleira ferve no fogão.

Os quatro chegam ao quintal semi-coberto onde jantaram. A mesa de madeira foi empurrada para a área descoberta e em seu lugar, no chão, estão Jurema, Rose e Suelena, e uns fios de tecido esticados, pelo chão todo. Jurema e Rose (com Cícero dormindo ao lado dela, numa cestinha) estão em cantos opostos do espaço, os fios cruzando de uma pra outra, elas rindo muito. Jurema vê os homens entrando, e dirige-se a Romão:

JUREMA

Ô, seu Romão, trate de arrumar um  
serviço pra si, que sua esposa é  
manducabeira da boa, já tá no serviço.

Vemos Rose feliz como nunca vimos. Vemos a habilidade com que sua mão trança os fios, fazendo a volta que forma o punho de sustentação da rede.

ROSE

(para Romão)

Dona Jurema diz que aqui se paga vinte centavos cada manducaba que eu fizer.

ROM O

É?...

ROSE

(toda sorridente)

É, homem.

Romão devolve à mulher um sorriso mal-disfarçadamente amarelo.

CORTA PARA:

51 EXT. DEPÓSITO DE REDES -- DIA

51

Um GRUPO DE HOMENS retira de dentro do depósito pilhas de dezenas de redes e as joga para OUTROS HOMENS dentro de um caminhão. Clévis e Rodney correm para dentro do depósito como selvagens, berrando.

Romão e Antônio, juntos, quietos e calados, observam o movimento.

Severino sai do depósito. Balança a cabeça. Chega junto a Antônio e seu pai.

SEVERINO

Esse é o último caminhão que viaja esse mês. Já tem motorista.

\*

CORTA PARA:

52 EXT. RUA DE SÃO BENTO -- DIA

52

Clévis e Rodney caminham um pouco atrás de Romão, visivelmente cansados. Antônio é o último da fila. Severino anda ao lado de Romão.

Eles vão passando pelas casas, todas parecidas com a de Severino, algumas um pouco maiores, quase todas com varanda. Nas varandas, em praticamente todas as casas, pequenos grupos trabalham fazendo redes. Noventa por cento das pessoas nas casas são mulheres. MULHERES de todas as idades: meninas, jovens, maduras, velhas.

\*

Romão olha as mulheres trabalhando. Sério, preocupado.

Antônio olha as mulheres. Curioso.

Numa das casas, UMA ADOLESCENTE sorri para ele. Encabulado, ele olha para o chão. Caminha mais um pouco. Já passou um pouco da casa. Olha então para trás e vê a adolescente rindo para uma colega, fazendo um gesto com os dedos sobre o nariz, como que indicando o curativo nasal de Antônio. Nesse momento elas percebem que ele está olhando, e são elas que agora meio se envergonham e olham para baixo.

CORTA PARA:

53 INT. QUARTO/CASA DE DONA JUREMA/SÃO BENTO -- NOITE

53

Dentro de um quarto, quatro redes dependuradas. Debaixo das redes, as bolsas de roupas da família. Numa das redes dormem, embolados, Rodney e Suelena. Na segunda, Clévis, também profundamente adormecido. Romão (com Cícero "embalado" ao seu lado) e Antônio ocupam respectivamente as duas últimas redes, acordados, ouvindo o falatório de mulheres que vem do quintal. Elas riem e falam alto, e suas vozes se misturam com o som da tv, que vem da sala.

\*

JUREMA (O.S.)

Mas Rose, que qué isso, mulher?

ROSE (O.S.)

Noventa e dois. Noventa e duas redes.

JUREMA (O.S.)

É muita ligeireza, Virgem Maria!

ROSE (O.S.)

Só hoje!

Romão se revira na rede. Cara amarrada. Olha o bebê Cícero a seu lado. Dá uma revirada mais forte. Dá outra. O bebê acorda e chora.

ROM O

Rose! ô, Rose! Venha cuidar de seu filho!

Escutamos os passos corridos de Rose pelo corredor.

ROSE

(abrindo a porta e  
entrando no quarto)Mas como é que esse menino foi  
acordar?!

\*

\*

\*

\*

\*

CORTA PARA:

54 EXT. CASA DE DONA JUREMA -- DIA

54

É de manhã, bem cedo. Antônio sai da casa, pega a bicicleta, que deixara amarrada num poste em frente à casa. Passa por Romão e Rose.

ROM O

Eles diz que tem serviço, mas eu tô  
achando que não tem não.

\*  
\*

ROSE

Não teve serviço pra mim mal nem  
cheguei?

ROM O

Serviço...

Rose encara Romão. Baixa a cabeça. Lenta e tímida, tira da  
bolsa um bolo de notas de um real.

Antônio não quer olhar a conversa dos pais. Mas olha.

ROSE

Ajuntei nove real-

ROM O

Nove real...

ROSE

(totalmente insegura)

Primeiro dia.

Antônio volta o rosto. Mete o pé no pedal, sai chispando  
dali pra não ver nem ouvir mais nada. Desce a rua, some na  
primeira esquina.

CORTA PARA:

55 EXT. RUAS DE SÃO BENTO -- DIA

55

Antônio percorre as ruas da cidade. Olha as lojas. As pessoas  
nos carros.

Ele passa de bicicleta pela mesma rua onde passara a pé na  
véspera.

Seu olhar parece procurar alguma coisa ou alguém nas casas e  
varandas. Olha as mulheres no trabalho. Reconhece algumas  
das meninas, das jovens, das mulheres maduras, das velhas.  
Quem ele não vê é a adolescente que sorriu para ele no dia  
anterior.

CORTA PARA:

56 EXT. PONTE/SÃO BENTO -- DIA

56

De bicicleta, Antônio passa pela ponte. Pára. Vê a praia de  
rio lá embaixo.

CORTA PARA:

57 EXT. DEBAIXO DA PONTE/SÃO BENTO -- DIA/TARDE

57

Som de rádio, altíssimo. Versão pagode de uma canção de Roberto Carlos:

\*  
\*

PAGODEIROS (O.S.)

(no rádio)

Pois o homem que sabe o que quer  
sabe dar e querer dar mulher  
o melhor e fazer desse amor  
a comida a bebida na justa medida...

\*  
\*  
\*  
\*  
\*

Antônio deitado na areia, na beira do rio. O pé na água. Em volta, quase que só mulheres, lavando roupa, falando umas com as outras. Como se ele não existisse.

O sol é muito forte. Ele tira a camisa. Adormece ouvindo o falatório das LAVADEIRAS.

LAVADEIRA 1 (O.S.)

Sua burra! O Rodrigo acaba é com a Camila, todo mundo sabe!

LAVADEIRA 2 (O.S.)

Burra é você. O Rodrigo vai preso no final! Ai, mulher buuuuuurra!

LAVADEIRA 1 (O.S.)

Vai preso, mas casa na cadeia!

O falatório vai ficando indistinto, se embolando com a música. A sombra sobre o rosto de Antônio vai se alongando, alongando, alongando...

Antônio acorda num susto. Nada mais das lavadeiras. O som continua, mas agora é um clássico romântico de Roberto Carlos. Antônio olha em volta. Para um lado, algumas CRIANÇAS jogando futebol na beira do rio. Para o outro, um GRUPO DE MOÇAS sentadas nas pedras, ou dentro d'água mesmo, brincando e conversando.

Antônio fica de pé. Olha para o lado das moças. A bola do jogo das crianças passa por ele, mas ele não está nem aí.

Entre as moças, a adolescente que olhou e sorriu para ele no dia anterior. E que olha e sorri para ele agora também.

\*

CORTA PARA:

58 EXT. PONTE/SÃO BENTO -- ANOITECER

58

Rápido: Antônio monta na bicicleta, a adolescente dá meia volta - eles partem cada um numa direção - eles olham para trás e se vêem e trocam um aceno.

CORTA PARA:

59 EXT. RUAS DE SÃO BENTO -- ANOITECER 59

Crepúsculo. Antônio pedala todo feliz.

CORTA PARA:

60 INT. SALA/CASA DE DONA JUREMA -- NOITE 60

Antônio entra na casa. Estão todos, sua família, Dona Jurema, Severino, amontoados diante da tevê e de um ventilador e barulhento. Na tela da tevê, uma telenovela. \*

Antônio mal é notado, todos tem a atenção presa à novela. Ele sai da sala, entra pelo corredor. \*

61 INT. QUARTO/CASA DE DONA JUREMA -- MAIS TARDE 61

O quarto com as quatro redes. Silêncio na casa. Suelena e Rodney dormem na primeira rede; Clévis, na segunda; Romão, Rose e Cícero, na terceira. Na quarta destaca-se no escuro o nariz branco de esparadrapo de Antônio. Um suspeitíssimo nariz branco e arfante. A rede balançando um pouco mais que as outras.

Por dentro da rede, a mão de Antônio por dentro do short.

Antônio se esforça para não fazer ruído. E até que consegue, exceto por um breve gemido.

Na terceira rede, Romão acorda. Está abraçado a Rose, esta de costas para ele, com Cícero nos braços (de costas para ela), como se eles fossem três colheres encaixadas. Ele aproxima o nariz da nuca da mulher. Aperta-lhe o braço, desce com a mão pela cintura dela. Rose volta-lhe um olhar sonolento e triste.

De volta à quarta rede. Antônio quase adormeceu. Levanta o olhar entorpecido e vê a rede dos pais chacoalhando cadenciadamente.

CORTA PARA:

62 EXT. CASA DE DONA JUREMA -- DIA 62 \*

As tralhas todas da família amontoadas na porta da casa. Clévis está montado em sua bicicleta, já com o bujãozinho amarrado. \*

Dona Jurema tenta acalmar, no colo, o agora histérico Cícero, enquanto Rose se esforça para amarrar as tralhas na garupa de sua bicicleta. Há marcas de choro no seu rosto, e seus gestos são de quem faz alguma coisa contra a vontade. \*

Severino e Romão conversam. Antônio próximo a eles, montado em sua bicicleta. \*

SEVERINO

Mas o senhor está sendo muito apressado, vai aparecer um serviço bom-

ROM O

Seu Severino, eu sou muito grato ao senhor e dona Jurema por tudo, mas seu conselho eu não vou seguir não. Minha destinação é a estrada.

Jurema, de longe:

JUREMA

Com o que sua mulher vai ganhando, c'as mambucabas, dá para vocês irem se 'guentando, até-

ROM O

(nervoso)

A senhora me desculpe, mas isso não pode ser assim, não. O padinho vai me ajudar, eu vou pra Juazeiro.

Antônio, dando meia volta em torno do pai com a bicicleta:

ANT'NIO

(com muita raiva)

Burrice.

Romão não acredita no que acaba de ouvir. Ninguém acredita. Todos param de falar. Antônio mesmo parece não acreditar que disse o que disse.

Tempo

ANT'NIO (CONT'D)

Eu vou ficar em São Bento.

Antônio arranca com a bicicleta. Sai pela rua.

Uma fração de segundo.

Romão fecha a cara, fecha mesmo. Monta na bicicleta...

ROM O

Moleque besta.

...e parte atrás de Antônio.

CORTA PARA:

63 EXT. RUAS DE SÃO BENTO -- DIA

63

Romão persegue Antônio pelas ruas de São Bento. Antônio põe muito esforço no pedalar, mas ainda assim o pai se aproxima. Numa esquina, ele vira abruptamente e sai da via calçada para uma rua de terra.

Ao fazer a mesma manobra, Romão derrapa feio e quase cai.

CORTA PARA:

64 EXT. PONTE/SÃO BENTO -- DIA 64

Antônio e em seguida Romão passam voados pela ponte, tirando fino de carros e pessoas.

CORTA PARA:

65 EXT. RUAS DE SÃO BENTO -- DIA 65

Antônio está pondo os bofes pra fora, mas está mantendo Romão a uma certa distância. As pedaladas do pai, no entanto, são mais firmes e ritmadas. As dele são nervosas, irregulares, traem o esforço.

Chegamos à rua em que Antônio viu a adolescente pela primeira vez. Como das outras vezes, mulheres de todas as idades trabalhando nas varandas e portas das casas.

Rápido, ofegante, Antônio volta o olhar para uma varanda. Nada.

Para o outro lado, outra varanda. Nada.

Esquerda, casas: nada.

Direita, casas: nada.

Olha pra frente: uma senhora carregada de redes - não dá tempo para mais nada - choque, atropelamento, tombo.

CORTA PARA: \*

66 EXT. CASA DE DONA JUREMA -- DIA 66 \*

Rose precisa fazer, de novo, um curativo no rosto de Antônio, dessa vez no supercílio. Jurema a ajuda, em silêncio constrangido. \*

Ao fundo, muito contrariado, Romão (com a ajuda de Severino) tenta consertar a bicicleta de Antônio, cuja roda da frente está empenada. \*

67 EXT. ESTRADA -- DIA 67

As quatro bicicletas passam pela placa de entrada de São Bento, deixando a cidade para trás e ganhando a BR.

A última bicicleta que passa por nós é a de Antônio (carregando Rodney), que agora, além do curativo no nariz, tem um outro no supercílio. \*

Pespectiva: a estrada e nossos heróis sumindo nela.

CORTA PARA:

68 EXT. ESTRADA/BR/CEARÁ -- DIA 68

As quatro bicicletas passam por uma placa onde lemos...

Juazeiro do Norte 180 Km. \*

CORTA PARA:

69 EXT. ESTRADA -- DIA 69

As rodas das bicicletas contra o piso acidentado, descascado, esburacado do acostamento.

Um pneu fura, o da bicicleta de Rose.

CORTA PARA:

70 EXT. ESTRADA -- DIA 70

Sol de meio-dia. A família abrigada sob uma árvore. Romão consertando o pneu de uma das bicicletas. De pé, Clévis canta e dança com Suelena.

CL...VIS

Se você pensar que vai fazer de mim  
O que faz com todo mundo que te ama...

CORTA PARA:

71 EXT. ESTRADA -- DIA 71

Mais chão esburacado, espinhento.

Outro pneu fura, o da bicicleta de Clévis.

CORTA PARA:

72 EXT. ESTRADA -- DIA 72

Sol ainda alto. A maior parte da família deitada no tapete. Clévis carrega Cícero nos braços pra lá e pra cá, cantando. E Romão conserta o pneu da bicicleta de Clévis.

CL...VIS

Daqui pra frente  
Tudo vai ser diferente...

CORTA PARA:

73 EXT. ESTRADA -- DIA 73

O sol quase se pondo. As quatro bicicletas na estrada.

CORTA PARA:

74 EXT. POSTO DE GASOLINA/ESTRADA/BR/CEARÁ -- NOITE

74

Um pequeno posto de gasolina, fechado (bombas apagadas, nem sinal de ninguém). A família dorme amontoada em frente à sede do posto. Estão de tal forma embolados sobre o tapete, entre bolsas e panos, que mal se pode discernir quem é quem. Escutamos uma voz.

RODNEY (O.S.)

Mãe, tô com fome.

ROSE (O.S.)

Dorme menino, dorme que o sono alimenta.

CORTA PARA:

75 EXT. ESTRADA/BR/CEARÁ -- DIA

75

Um rastro de espinhos de juá por entre os buracos do acostamento maltratado. Passam as bicicletas.

Fura mais um pneu. O de Antônio.

CORTA PARA:

76 EXT. ESTRADA -- DIA

76

Sol de meio para fim de tarde.

Romão deitado no tapete, na sombra. Os filhos menores em volta dele (Clévis, Suelena, Rodney e Cícero, este no colo).

Na beira da estrada, Antônio e Rose diante do pneu furado da bicicleta e de aparatos para consertá-lo. Parecem meio atolados.

ROSE

Não é assim, menino.

ANT`NIO

É assim, mãe.

ROSE

Seu pai-

ANT`NIO

Tô fazendo do meu jeito!

CORTA PARA:

77 EXT. ESTRADA -- DIA

77

O sol quase se pondo. Mais buracos, espinhos, pedras no acostamento e... fura o pneu de Antônio, outra vez. Ele pára, olha o pneu. Romão também olha para o pneu furado.

ROM O  
E agora, vai fazer do seu jeito?

CORTA PARA:

78 EXT. ACESSO A JUAZEIRO DO NORTE -- NOITE

78

Entrada da cidade de Juazeiro do Norte. Um grande engarrafamento de ônibus, carros, caminhonetes e caminhões repletos de romeiros. Além dos fiéis motorizados, legiões de pessoas a pé, muitas já pagando promessas - carregando ex-votos, de joelhos - enchem as calçadas e o espaço entre os carros.

Cartazes e faixas saúdam os romeiros. Cartazes e faixas dos romeiros louvam o Padre Cícero.

As quatro bicicletas dos nossos heróis tentam avançar no meio desse tráfego. Eles precisam empurrar as bicicletas entre os romeiros. Cícero chora muito. Suelena empurra a bicicleta de Rose enquanto a mãe tenta consolar o bebê.

CORTA PARA:

79 EXT. ESTÁTUA DO PADRE CÍCERO -- DIA

79

Multidão de romeiros em torno da monumental estátua do Padre Cícero. Romão encara a estátua, totalmente alheio à confusão à sua volta.

Estamos ao pé da escada que leva à base do monumento. Romão e Rose (com Cícero no colo) se espremem no meio dos romeiros.

De longe, mais abaixo (todo o terreno é íngreme), são observados por Antônio e Clévis, que tomam conta das bicicletas e dos irmãos mais novos, junto a um botequim.

Na frente deles, numa fileira de barraquinhas, um verdadeiro circo de ambulantes e camelôs. Antônio se distrai olhando as miniaturas da estátua do Padre, as gravuras religiosas, os cristos espelhados, as fotos de astros do universo pop - como atores e atrizes de novela, cantores nacionais e estrangeiros.

O som do botequim compete com o do alto-falante da barraca de fitas k7, onde toca Roberto Carlos.

ROBERTO CARLOS (V.O.)

Jesus Cristo  
Jesus Cristo Jesus Cristo  
eu estou aqui!

Rose pega Antônio pelo ombro. Ela está muito suada, parece exausta.

ROSE

Antônio, vai, sobe lá.

ANT'NIO

Senhora?

ROSE

Vai pedir a benção do santo.

Antônio olha para cima.

CORTA PARA:

80 EXT. ESTÁTUA DO PADRE CÍCERO -- MAIS TARDE

80

Agora é Antônio quem se aperta no meio do povo, lutando para subir a escada que leva à estátua.

ROSE (V.O.)

Você sobe lá. Vai rezando, pedindo a Deus, pedindo o padinho pra ajudar a gente.

\*

Uma VELHINHA, alquebrada, pequena, o rosto enrugadíssimo, se apoia em Antônio para subir a escada, que começa a se estreitar, em caracol.

ROSE (V.O.) (CONT'D)

Aí você passa no cajado do santo. Passa três vez, e cada vez dá um beijo e diz amém.

Vemos que a distância a percorrer é pequena. Mas há muita gente ali. Vemos que as pessoas se esforçam tremendamente para cumprir o ritual de passar entre o cajado e o corpo da estátua (um espaço muito exíguo), beijando o bastão.

VELHINHA

Moço, me acuda, moço.

A velha está praticamente abraçada a Antônio. Ele não sabe o que fazer.

Antônio vê Romão. O pai está nesse momento passando pelo cajado. Absorto, contrito, indiferente à pressão de mãos e corpos em torno dele.

VELHINHA (O.S.) (CONT'D)

Moço, me ajude.

Abraçado a ela, Antônio chega próximo ao cajado da estátua. Ele praticamente carrega a senhora diante de si. Ela estica os braços curtos, as mãos enrugadas em direção à estátua.

VELHINHA (CONT'D)

Meu santo, meu santo.

No bolo das pessoas que descem a escada, pelo lado contrário da estátua, está Romão. Antônio o vê. Pai e filho trocam um olhar.

Antônio e a Velhinha espremidos, próximos ao cajado. Ela larga Antônio repentinamente, com agilidade insuspeita, e se lança a beijar a estátua. Algumas pessoas berram. Antônio fica um perdido na multidão sem a velhinha como "âncora".

CORTA PARA:

81 EXT. LADEIRA QUE DÁ ACESSO À ESTÁTUA DO PADRE CÍCERO -- DIA 81

A ladeira que dá acesso à estátua do padre Cícero é íngreme e em ziguezague. Dos dois lados há casas humildes. Diante de muitas casas há em exposição fileiras de "santos" de diversos tamanhos. A família desce essa ladeira empurrando as bicicletas. Estão todos muito abatidos. Rose, em especial, que nesse momento dá o peito a Cícero enquanto desce a ladeira, está magra e exausta. Suelena empurra a bicicleta da mãe.

\*  
\*  
\*  
\*

Numa das casas, um Santeiro arruma a fileira de santos diante da casa. Rose se aproxima dele, com Cícero no colo.

ROSE

O senhor é que faz?

SANTEIRO

Faço.

Tempo. Suelena se aproxima dos santos.

ROSE

Eu tô mais os meninos. A gente não tem o de comer pros meninos, será que o senhor-

SANTEIRO

Tenho dinheiro não.

ROSE

Um pão, moço, num tem?

CORTA PARA:

82 EXT. LADEIRA QUE DÁ ACESSO À ESTÁTUA DO PADRE CÍCERO -- DIA 82

Outra casa, na mesma ladeira. Um outro Santeiro (SANTEIRO 2), esse mais jovem que o outro.

SANTEIRO 2

Se a gente for dar pão para tudo que é romeiro morto de fome.

CORTA PARA:

83 EXT. LADEIRA QUE DÁ ACESSO À ESTÁTUA DO PADRE CÍCERO -- DIA 83

Ainda uma outra casa, na mesma ladeira. Outra porta entreaberta: uma MULHER GORDA, diante de Rose.

MULHER GORDA  
 Não tenho nem pra mim, dona.

CORTA PARA:

84 EXT. MUSEU DO PADRE CÍCERO -- DIA

84

Estamos diante da casa onde viveu o Padre Cícero, no centro de Juazeiro do Norte. Aqui também, uma multidão de romeiros. Rose e Romão, um diante do outro. Os dois muito abatidos.

ROSE  
 (com Cícero no colo)  
 Essas casas todas, Romão. E nem um  
 pãozinho.

ROM O  
 Vamos ver a mesa do padinho.

ROSE  
 Os meninos tão com fome, homem. O  
 que é que eu vou dar pra eles-

ROM O  
 (interrompendo,  
 impaciente)  
 Vamos ver a mesa do padinho.

Rose tem os olhos rasos d'água. Romão entra na casa. Antônio olha para a mãe, que lhe devolve o olhar.

Eles também entram na casa. Clévis, Rodney e Suelena ficam do lado de fora, tomando conta das bicicletas.

CORTA PARA:

85 INT. CASA DO PADRE CÍCERO -- DIA

85

Os estreitos corredores da casa estão apinhados de romeiros.

Rose e Antônio forçam passagem entre a multidão, tentando alcançar Romão.

Chegam a uma sala razoavelmente ampla, mas também lotada, onde uma FILA DE HOMENS se aglomera. São quase todos homens fortes. Romão é um deles. A sala é dominada, ao fundo, por uma grande mesa de madeira. A mesa é toda cercada por uma grade, como uma imensa gaiola, exceto por uma estreita passagem.

Rose chega até Romão. Ela precisa berrar para se fazer ouvir, espremida pela fila de homens, sempre com Cícero (chorando, agora) no colo. A situação é toda extremamente tensa, opressiva.

ROSE  
 A gente tem que arranjar o comer dos  
 meninos, Romão, vamos embora daqui!

ROM O  
(olhando para a mesa.  
Em transe místico)  
Aquela mesa ali, só levanta ela quem  
tem fé no Padre Cícero!

\*

Antônio, que também está espremido junto à mãe, escuta o pai e olha para a mesa.

Vemos que a fila de homens desemboca na grande mesa e que, um a um, os homens se colocam diante dela tentado levantá-la pelo menos alguns centímetros do chão. Em vão.

ROSE  
(desesperada,  
transtornada)  
Eu não quero viver na estrada!

Romão, volta os olhos, até então fixos na mesa, para Rose.

ROM O  
Só quem tem fé levanta a mesa. Eu  
vou levantar a mesa e o padrinho vai  
me ajudar, vai ajudar nós a chegar  
no Rio de Janeiro.

Reação de Antônio. Ele tenta segurar o pai.

ROSE  
Rio de Janeiro?

\*

Um movimento da massa humana separ

\*

A Romão de Antônio e Rose e o coloca próximo à estreita passagem que dá entrada na "gaiola" onde fica a mesa.

\*

Um HOMEM ESPECIALMENTE FORTE faz considerável esforço para levantar a mesa. Não consegue. Tenta de novo. Falha. Desiste.

É a vez de Romão. Ele é mais fraco que o homem que acaba de falhar. Está muito suado, abatido.

Os rostos de Rose e Antônio contra as grades da gaiola. Aflitos.

Romão agarra o tampo da mesa. Fecha os olhos. Começa a forçar os músculos. O rosto trai o esforço tremendo.

A mesa não se move.

Romão relaxa os braços. Está encharcado de suor.

O rosto de Rose contra as grades.

Romão fecha os olhos de novo. Um tênue fio de lágrimas se mistura ao suor do rosto quando mais uma vez ele se contrai e enfrenta a mesa. Tensão.

O rosto de Antônio.

A mesa parece se mover. Nem dá para ter certeza se ela saiu do chão, mas parece que sim, parece ter se movido. Um arrepio percorre a multidão, um grito se multiplica e reverbera como num gol.

Romão desmaia sobre a mesa.

CORTA PARA:

86 EXT. ACAMPAMENTO DE ROMEIROS/JUAZEIRO DO NORTE -- NOITE

86

Uma beira de estrada, ainda na área urbana de Juazeiro do Norte. Vemos lá longe, iluminada, a estátua do Padre Cícero. Dois caminhões bem velhos fazem uma barreira entre a estrada e um pequeno acampamento, onde se reúnem algumas famílias de romeiros. Ali perto, um trailer vende cachaça. Escutamos o som da TV do trailer (break comercial, jingles etc.).

Clévis chupa um bom pedaço de rapadura.

Atrás dele, sobre o tapete, o restante dos meninos pequenos, cada um com sua rapadura. O tapete está estendido próximo ao pneu traseiro de um dos caminhões. Perto dele, as bicicletas e o bujãozinho, sobre o qual vemos uma panela com restos de arroz com feijão. Agachada, Rose raspa a panela com uma colher. Dá umas colheradas na boca de Romão (também agachado), outras ela mesma come. Antônio também está próximo, cuidando de sua bicicleta.

ROSE

Quer mais?

ROM O

Come você.

Tempo.

ROM O (CONT'D)

Rose.

ROSE

Hein.

ROM O

Como é que pode? Tanta casa, tanta gente e ninguém deu nada pra nós.

ROSE

Ninguém não quer ajudar os outros, não. Ou então quer mas não pode. Esse pessoal daqui, só ajudaram por causa da mesa. Pensa, homem: se alguém vier, um alguém qualquer, pode ser com família, até com mais criança, com mais precisão que nós,  
(MORE)

ROSE (CONT'D)

e vier pedir pra nós, a gente vai dar? A gente vai ajudar? Vai tirar da boca dum filho pra dar na boca do filho do estranho? Você ia deixar de dar a Cícero, a Clévis, pra dar de comer o estranho?

ROM O

Quem dá ao pobre empresta a Deus.

Antônio, do seu canto, fala baixo, entredentes.

ANT'NIO

E Deus paga quando?

Rose raspa o último arroz com feijão da panela e oferece a Romão.

ROM O

Não.

ROSE

Come.

ROM O

Isso não é vida. Eu não sou homem se eu não dou uma vida pra minha mulher, uma vida pros meus filhos. Como é que você aceita um homem que não te dá uma vida de gente?

Rose olha para o marido, a colher de arroz com feijão na mão. Alguém no trailer aumenta o volume da tevê. \*

ROM O (CONT'D)

Pra dar uma vida pra vocês eu preciso ganhar mil reais por mês. Eu vou levar vocês tudo pro Rio. Vou arrumar um serviço de mil reais. Você vai ver. \*

Rose dá outra vez a colher a Romão.

ROSE

Come, homem. \*

CORTA PARA:

87 EXT. ESTRADA -- DIA

87

A imagem de Rose desajeitada em sua bicicleta. Cícero na sua bolsinha, de olho arregalado e quase sorridente. Antônio passa logo depois dela. O acostamento está muito esburacado.

CORTA PARA:

88 EXT. ESTRADA -- DIA/NOITE 88

**Montage sequence, com música:**

As quatro bicicletas na estrada, em diferentes trechos de estrada, cortando diferentes paisagens. A família em diferentes abrigos ao longo da estrada: postos, vendas de frutas, construções abandonadas. São dias e noites seguidos de estrada, estrada e mais estrada.

CORTA PARA:

89 EXT. ESTRADA -- DIA 89

Sol.

Eles na estrada. Pedalando velozmente. Suando muito.

Sol.

O cansaço, um trecho em aclive.

Sol.

Mais pedaladas.

Uma placa marca a divisa interestadual:

BEM-VINDO AO ESTADO DA BAHIA

Sol (fim de tarde).

A família largada num acostamento.

Os ruídos da beira da estrada: carros, caminhões e brechas de silêncio.

Romão se levanta:

ROM O

Vambora.

Crepúsculo: eles todos na estrada, em contraluz.

CORTA PARA:

90 EXT. ESTACIONAMENTO DE CHURRASCARIA -- NOITE 90

SUELENA

Moço, dá um trocado?

Vemos que a menina está pedindo dinheiro ao motorista de um carro de passeio que acaba de estacionar. O motorista, homem de seus 30 e poucos anos, responde, grosseiro.

\*  
\*

MOTORISTA

Não.

SUELENA

Pra me ajudar-

MOTORISTA

Nem pra te ajudar.

A menina fica parada, perplexa. Também saem do carro várias CRIANÇAS e a ESPOSA DO MOTORISTA. A mulher olha para Suelena e para o marido.

ESPOSA DO MOTORISTA

(para o motorista)

Precisava falar assim com a menina,  
seu grosso?

\*

O cara vai entrando na churrascaria, seguido pelos filhos. A esposa olha para Suelena. Faz um gesto de "espera aí", abre a porta do carro, procura alguma coisa numa grande bolsa. Suelena observa, cheia de expectativa.

CORTA PARA:

91 EXT. ESTACIONAMENTO DE CHURRASCARIA -- EM SEGUIDA 91

Suelena, vestindo uma rota fantasia de Cinderela por sobre suas roupas, corre, toda feliz, na direção de Rose, que está amamentando Cícero numa sombra.

SUELENA

Mãiiêêê! Olha o que a moça me deu!

ROSE

Que lindo, filha!

Suelena começa a dançar na frente da mãe, imitando alguma coreografia televisiva.

CORTA PARA:

92 EXT. ESTACIONAMENTO DE CHURRASCARIA -- EM SEGUIDA 92

Clévis lava um carro, com ajuda de Rodney.

Num canto perto dali, vemos Antônio, sentado no meio fio, fazendo reparos na sua bicicleta.

ROM O (O.S.)

Fazendo o que, aí parado?

Antônio levanta a cabeça e vê Romão, de pé atrás dele.

ANT`NIO

(baixa a cabeça)

Nada...

ROM O

Nada? Que nada?

(MORE)

ROM O (CONT'D)

Que história é essa de nada? Vai  
arranjar um carro pra lavar, ganhar  
um dinheiro.

ANT'NIO

(de cabeça baixa,  
falando pra dentro)  
Vai você.

ROM O

Que foi?

ANT'NIO

(levanta a cabeça,  
mas não encara o pai)  
Nada.

ROM O

Repete o que você disse aí.

ANT'NIO

Nada.

Tempo. Romão evita olhar para Antônio.

CORTA PARA:

93 EXT. ESTACIONAMENTO DE CHURRASCARIA -- NOITE

93

Um CAMINHONEIRO dorme na rede estendida entre o caminhão e  
uma árvore. Alguma coisa pinga em seu nariz. Pinga uma segunda  
gota. Terceira...

CAMINHONEIRO ADORMECIDO

(acordando, assustado)

Mas que-

Ele olha para cima e vê dois focos de luz bruxuleante. vai  
se levantar da rede, mas cai. Está com os pés amarrados.

CAMINHONEIRO ADORMECIDO (CONT'D)

Féla da puta!

Entrevemos os vultos de Clévis, Suelena e Antônio correndo  
entre os caminhões, carregando velas acesas.

Num canto do estacionamento, bem escuro, uma pickup balança  
cadenciadamente. Antônio, Clévis e Suelena olham a pickup.  
Riem. Clévis corre até o carro, sobe discretamente na  
carroceria. Olha para dentro da cabine. Olha para os irmãos  
e faz um gesto sugestivo de ato sexual.

POV de dentro da pickup. Vemos Clévis. Escutamos o ruído de  
um CASAL QUE TREPA, vemos suas pernas, braços, aquela  
confusão.

Vemos o rosto da mulher, parcialmente encoberto pelos cabelos do homem, que arfa sobre ela. De repente, seus olhos se fixam. Se arregalam.

Vemos o que ela vê: um estranho vulto coberto de cabelos longos e envolto por panos diáfanos, iluminado de forma algo fantasmagórica.

De fora da pickup, vemos Suelena suspensa nos ombros de Antônio, encoberta pela sua fantasia de cinderela e iluminada por duas velas levantadas por Clévis. Escutamos um tremendo berro da mulher dentro da pickup.

CORTA PARA:

94 EXT. ESTACIONAMENTO DE CHURRASCARIA -- MAIS TARDE 94

Antônio, Clévis e Suelena seguros por DOIS GARÇONS diante de Romão. Atrás dele, Rose sonolenta sobre o tapete, com Cícero no colo.

GAR«OM

Olhe, vocês não podem ficar aqui não. O gerente mandou avisar que vai chamar a polícia.

CORTA PARA:

95 EXT. ESTRADA -- AMANHECER 95

As quatro bicicletas empurradas ladeira acima.

Silêncio. Nem um carro na estrada.

CORTA PARA:

96 EXT. CASA NA BEIRA DA ESTRADA -- DIA 96

A família encontra uma casa meio em ruínas, na beira da estrada. Param suas bicicletas na porta. Romão entra, sozinho.

Tempo.

Romão sai, meio apressado. Atrás dele, sai um grupo de três ou quatro homens. A atitude, se não chega a ser hostil, também está muito longe de ser amistosa.

Romão e o resto da família montam nas bicicletas e voltam para a BR.

CORTA PARA:

97 EXT. BIROSCA -- DIA 97

Fim de tarde. No meio de um descampado, à beira da estrada, um casebre. A família acaba de apeiar das bicicletas. Não escutamos o que dizem, mas entendemos que Romão orienta a todos para que se acomodem num canto.

Antônio dá a volta no casebre. Do lado oposto ao que a família parou ele encontra uma porta. Abre. Vê um monte de garrafas vazias.

CORTA PARA:

98 INT. BIROSCA -- NOITE

98

A porta por onde entrou Antônio leva ao interior do que parece ser uma birosca, uma venda, abandonada. O ambiente é iluminado apenas pelo fogareiro da família, que se acomoda agora no chão, dormindo. Muitos engradados de garrafas de cerveja, refrigerante e cachaça. Uma mesa de sinuca muito puída, em cima da qual se espalham muitas das tralhas dos nossos heróis.

No seu canto, Antônio encontra um espelho quebrado de banheiro. Tenta tirar os curativos do rosto.

ROSE

Deixa que eu tiro isso.

Antônio faz cara de dor enquanto Rose tira os curativos e limpa-lhe o rosto. Rodney cata um esparadrapo sujo e fica grudando na própria cara. Antônio olha o nariz no espelho e descobre que ganhou uma cicatriz.

Antônio se olha no espelho. E Rose olha para Antônio.

CORTA PARA:

99 INT. BIROSCA -- MAIS TARDE

99 \*

Todos dormem, menos Antônio. Deitado de barriga para cima, ele fita o teto. Escutamos passos miúdos. Antônio ergue a cabeça e vê Rodney saindo pela porta da birosca. Vai atrás dele.

CORTA PARA:

100 EXT. BIROSCA -- EM SEGUIDA

100 \*

Antônio segue Rodney a uma certa distância. O menino mexe nuns entulhos atrás da birosca. Antônio também olha para o chão. Vê alguma coisa. Se abaixa e apanha um brinquedo, um carrinho de metal. Rodney agora está diante dele.

RODNEY

(apontando o carrinho)

Dá?

ANT`NIO

Fui eu que achei.

RODNEY

Dá pra mim?

ANT`NIO  
 (entregando o carrinho)  
 Toma. Mas vê se não perde.

\*  
 \*  
 \*

Rodney coloca o carrinho no bolso do short e entra na birosca.

\*

CORTA PARA:

\*

101 INT. BIROSCA -- DIA

101\*

Silêncio quebrado pela súbita abertura da porta da birosca. Luz do sol cai e invade o recinto como um flash, direto sobre Rose. Ela levanta a cabeça. Percebemos que vê alguém.

VOZ DE HOMEM 2 (O.S.)  
 Isso aqui não é lugar de dormir,  
 minha gente. Vamos saindo.

CORTA PARA:

102 EXT. ESTRADA -- DIA

102

As quatro bicicletas na estrada.

O rosto de Rose. Exausta. Escutamos o choro soluçante de Cícero.

CORTA PARA:

103 EXT. ESTRADA -- DIA

103

As quatro bicicletas na altura do horizonte, percorrendo a tela de lado a lado.

CORTA PARA:

104 EXT. POSTO FERROVIÁRIO ABANDONADO -- DIA

104

Na beira da estrada, cercado de capim, um pequeno posto ferroviário abandonado. A família: todos muito cansados, descendo de suas bicicletas. Clévis, Antônio e Suelena entram no posto.

\*  
 \*

CORTA PARA:

105 INT. POSTO FERROVIÁRIO ABANDONADO -- DIA

105

Não há nada dentro do posto, um recinto único, pequeno, de teto desproporcionalmente alto. Ou há? Num canto, um amontoado de panos se move. Há algo de fantasmagórico naquilo que assusta Suelena. Ela dá um berro:

SUELENA  
 Aaaaaaaaaa!!!!

Do meio dos panos, tão assustado quanto a menina, surge um homem barbudo, de idade difícil de determinar (GIDEÃO).

GIDE O

Vixe! Parece que a menina viu o capeta!

Gideão tem uma cicatriz que emerge da barba espessa e vai até o meio do nariz. Antônio repara na cicatriz, e leva a mão à sua própria marca recente, também nasal. Gideão percebe a coincidência, ri possante.

GIDE O (CONT'D)

(rindo)

Olhe só. Outro cabra que anda metendo o nariz onde não é chamado!

CORTA PARA:

106 EXT. POSTO FERROVIÁRIO ABANDONADO -- NOITE 106\*

Antônio e Rodney sentados na plataforma, diante dos trilhos cobertos de mato. \*

ANT'NIO \*

Cadê o carrinho que eu te dei? \*

RODNEY \*

Que carrinho? \*

Antônio vai continuar a falar, mas pára um instante. \*

ANT'NIO \*

Você não lembra mesmo? \*

Rodney faz cara de quem não está entendendo nada. \*

ROSE (O.S.) \*

Antônio, traz Rodney e vem comer! \*

CORTA PARA: \*

107 INT. POSTO FERROVIÁRIO ABANDONADO -- NOITE 107

Todo mundo dentro do posto. Romão, Rose, Antônio e seus irmãos, além de Gideão. Sobre o fogareiro aceso, uma panela. Rose "pilota" sua cozinha pra lá de improvisada.

GIDE O

Então, a senhora cozinha o feijão primeiro, e-

ROSE

(didática)

Primeiro cozinho o feijão. Depois cozinho o arroz no próprio feijão, na mesma panela.

Clévis mexe na caótica e volumosa bagagem de Gideão. Antônio percebe e paga-lhe um esporro.

ANT`NIO

Larga isso aí, moleque. É do moço.

Clévis larga a bolsa, mas ri, não se assusta. Antônio se irrita com essa reação.

ANT`NIO (CONT'D)

Rindo do que, boiota?!

GIDE O

(que não dá a mínima  
para Clévis estar  
mexendo em suas coisas)

Êta! Não se avexe por tão pouco,  
cabra.

Romão se manifesta, meio sacaneando Antônio.

ROM O

Antônio agora é o polícia da estrada.

(ri)

Virou polícia, o abestado.

Antônio faz que vai responder. Seja lá o que for que pretendia dizer, não diz, segura. Levanta-se, chutando tralhas, e sai do posto.

108 EXT. ESTRADA EM FRENTE AO POSTO FERROVIÁRIO -- NOITE 108

Antônio sentado nas ruínas da plataforma ferroviária, poucos metros à margem da BR. Tudo muito escuro. Alguma luz vem de dentro do posto, bem pouca. Seu rosto é iluminado, de vez em quando, pelos faróis dos carros que passam. Escutamos, quase indistinto, o vozerio que vem de dentro do posto.

Antônio sério. Triste e só no quase breu.

109 EXT. ESTRADA EM FRENTE AO POSTO FERROVIÁRIO -- MAIS TARDE 109

Antônio sentado no mesmo lugar. Quietos, as mãos segurando os joelhos. Do posto ainda vem alguma luz, mas quase nenhum vozerio.

Escutamos passos. Por trás de Antônio, passam Romão, Rose e Gideão.

ROM O

Quando chegar lá, eu já sei o que eu vou fazer.

GIDE O

Mas, até o Rio de Janeiro, de bicicleta?

ROSE

Vê se não é loucura desse homem, seu Gideão.

Antônio faz cara de enfado e desinteresse.

GIDE O  
 Pois eu vou para São Paulo, e de a pé!

Antônio se interessa. Olha para o homem, que se senta também na plataforma arruinada.

GIDE O (CONT'D)  
 (percebe a atenção de Antônio)  
 É muito chão, não é? Mas eu chego lá. Já fui de João Pessoa a Petrolina de a pé. Agora tô vindo de Fortaleza e já cheguei até aqui. Pra São Paulo é só mais outro tanto.

Rose e Romão sentam-se próximos ao homem.

ROM O  
 Mas o senhor é sozinho. Pode pegar carona nos caminhão. Nós com esses bichinho tudo, com tanta coisa pra carregar, chega ser mais difícil de bicicleta que de a pé. Com essa mulher que nem sabe pedalar direito.

Reação discreta de Rose.

Gideão percebe um certo tom competitivo na fala de Romão. Ele é malandro, tem mais malícia que o outro.

GIDE O  
 Ah, mas ter uma mulherzinha pra fazer um comer, pra passar um café, pra se enroscar no lesco lesco, no chaca-chaca-na-butchaca  
 (para Rose)  
 - a senhora me perdoe o palavreado -  
 (de novo para Romão)  
 Não é tão mau assim, seu Romão. É ou não é?

Romão desconversa.

ROM O  
 (enrolando um cigarro)  
 As bicicleta fura pneu. Os menino se machuca. O senhor sozinho tem muito mais facilidade. Eu sozinho ia a qualquer lugar.

GIDE O  
 Qualquer lugar?

ROM O  
 Ia.

GIDE O  
 (rindo)  
 Estados unidos? Zoropa?

ROM O  
 (rindo muito)  
 Até o japão, meu amigo. Se souber  
 que lá tem serviço de mil reais pra  
 eu, eu vou daqui até o japão e ainda  
 fico de olhinho puxado.

Até Antônio ri um pouco do papo bobo dos dois.

GIDE O  
 (olha para a estrada,  
 adiante)  
 Olha, pra emprego de mil reais, eu  
 se fosse o amigo tratava de ir amanhã  
 de manhã bem cedinho pedir a benção  
 do menino, lá no santuário. Conhece?

Romão faz que não.

Os três ficam em silêncio. Romão acende um cigarro. Oferece outro a Gideão, que recusa com um gesto. Olha para Antônio, sem propriamente oferecer o cigarro, como que desafiando o filho a pedir. Eles se olham. Antônio baixa a cabeça, volta à posição do início da seqüência. Romão dá uma longa tragada.

CORTA PARA:

110 EXT. ESTRADA EM FRENTE AO POSTO FERROVIÁRIO -- NOITE 110

Antônio dorme na plataforma em frente ao posto. Silêncio cheio de ruídos do mato próximo, mais um ou outro carro que passa.

Nada se move fora da estrada. Antônio dorme, encolhido, descoberto.

Perto do rosto dele, passam os pés descalços de Rodney. \*

CORTA PARA:

111 EXT. ESTRADA -- NOITE 111

Rodney caminha só pela BR. Ele é fugazmente iluminado por um carro que vem no sentido contrário da estrada. O posto já está um tanto distante.

Tudo escuro.

Tempo.

Uma luz às costas de Rodney, lá longe.

Uma luz às costas de Rodney, não tão longe.

Uma luz às costas de Rodney, perigosamente perto: um caminhão imenso. Numa hora dessas, parece o maior caminhão do mundo.

O rosto de Rodney no contra-luz.

O som da buzina grave e poderosa passa por Rodney, o caminhão tira um fino do garoto, o deslocamento de ar o derruba no acostamento.

Antônio surge, correndo, sem fôlego.

ANT'NIO

Rodney, maluco! Quer morrer, quer?

Rodney olha para o irmão e sorri. Nem sabe o perigo que passou. Fala como que de dentro de um sonho

RODNEY

O bombeiro passou. Todo vermelho.

Antônio não dá bola para a resposta nonsense do irmão. Repara que Rodney caiu diante de um grande portão. Rodney se levanta. Antônio se aproxima do portão. Um poste de luz fraca, bruxuleante, ilumina uma espécie de letreiro no alto do portão, onde lemos:

SANTUÁRIO DO MENINO

E vemos, debaixo da inscrição:

A imagem pintada de um menino de ar angelical

As duas folhas do portão estão presas por uma corrente grossa, mas meio folgada. Os dois irmãos, magrelos, passam fácil pela fresta.

CORTA PARA:

112 EXT. SANTUÁRIO DO MENINO -- NOITE

112

O lugar está deserto. Antônio e Rodney caminham por um cenário insólito. Do chão cimentado como um estacionamento, brota uma grande pedra de tom cinza escuro, sobre a qual há duas capelas, uma antiga e bem pequena, outra bem maior e feiosa. Cobrindo tudo isso, uns arcos de uns bons doze metros de altura, em duvidoso estilo pseudo-niemeyer. Há velas em muitos lugares da pedra, e as capelas estão minimamente iluminadas.

Eles entram na capela maior.

CORTA PARA:

113 INT. CAPELA MAIOR DO SANTUÁRIO DO MENINO -- NOITE

113

A primeira coisa que Antônio e Rodney vêem ao entrar na capela é uma parede coberta de fotos e retratos pintados ou desenhados: mulheres de cabelos longuíssimos, bebês, homens

pálidos ou esverdeados, jovens portando diplomas emoldurados, pessoas usando muletas, cadeiras de rodas etc.

Nossos heróis entram mais um pouco e encontram, por detrás de uma espécie de cerca, centenas de ex-votos. Diante dos bonecos de madeira, plástico, gesso, diante de todos aqueles braços, pernas, cabeças, Rodney arregala o olho:

RODNEY  
Quanto brinquedo!

CORTA PARA:

114 INT. CAPELA MAIOR DO SANTUÁRIO DO MENINO -- NOITE 114

Antônio dorme num banco de igreja. Escutamos:

RODNEY (O.S.)  
Pow! Chegou sua hora, cabra da peste!  
Pow! Pow!

Nosso olhar vai de Antônio para o canto onde Rodney brinca animadamente, sentado no chão, com uma bagunça de ex-votos à sua volta.

Voltamos a Antônio, que dorme. Continuamos a ouvir Rodney, mas aos poucos sua fala vai rareando.

RODNEY (O.S.) (CONT'D)  
Power rangers! Pow!  
Pow!...Pow...Ahhhhh... ,

Reconhecemos, repentinamente, o som das hélices de um helicóptero. Reação dos meninos.

CORTA PARA:

115 INT. CAPELA MAIOR DO SANTUÁRIO DO MENINO -- EM SEGUIDA 115

Vemos a capela de um ponto-de-vista baixo, do canto do recinto. O POV de Antônio e Rodney escondidos dentro da cerca de ex-votos.

Há um grupo de pessoas, umas seis, no meio da capela, de costas para os meninos, se encaminhando para o altar. As últimas do grupo, praticamente encobrimo as que vão na frente (que apenas entrevemos), são três homens fortes, de terno escuro (SEGURANÇAS). Percebemos que os que vão na frente são um HOMEM CALVO, um outro CABELUDO e uma IDOSA. Escutamos a voz desta última, vemos que ela se dirige ao Cabeludo:

IDOSA  
Uma pessoa boa, como você. É um  
prazer lhe mostrar o santuário.

Rodney puxa a manga da camisa de Antônio.

ANT'NIO  
 (baixinho, pra dentro,  
 fazendo gesto de  
 pedir silêncio)  
 Psiu!

Um dos Seguranças olha para trás, mas sem muita atenção.  
 Agora é o Homem calvo quem fala, também para o Cabeludo.

HOMEM CALVO  
 Esse é o altar original. Data de  
 1927. Ele ficava na capelinha, mas  
 foi transferida para cá porque lá  
 não cabiam os fiéis todos, em época  
 de romaria. A grande obra da nossa  
 administração-

IDOSA  
 (cortando)  
 O senhor não vai fazer campanha  
 política numa hora dessas. Vai?

Rodney de novo puxa a manga de Antônio, mais forte dessa  
 vez. Com um gesto firme, o irmão manda que ele cale a boca.  
 Coincidentemente, praticamente ao mesmo tempo um Segurança  
 põe a mão no ombro do Homem calvo e faz um sinal de silêncio.

IDOSA (CONT'D)  
 (para o Homem calvo)  
 Viu, eu não-

O mesmo Segurança agora pede silêncio à senhora.

O Cabeludo se ajoelha diante do altar. Silêncio total.

Um pouco mais de silêncio total. E...

RODNEY  
 Pô, Antônio, eu quero fazer xixi!!!

Todo mundo se volta para trás, menos o Cabeludo. Vemos o  
 rosto atônito de Antônio. Os Seguranças correm na direção  
 dos dois garotos. Antônio pega Rodney, tenta correr para a  
 porta, mas um dos Seguranças chega primeiro e bloqueia o  
 caminho. Impasse.

IDOSA  
 Que falta de respeito!

HOMEM CALVO  
 Molecada safada da gota!  
 (pega Antônio pela  
 orelha)  
 Isso é lugar?

ANT'NIO  
 Ai!

RODNEY  
Larga ele, filho da puta.

HOMEM CALVO  
(agora pegando os  
dois meninos pelas  
orelhas)  
Vocês vão ver, vão acabar na peia.

Uma mão segura o Homem calvo.

Vemos agora que o cabeludo é ninguém mais ninguém menos que o rei: Roberto carlos.

Rodney não acredita no que vê. E vemos que o seu short está todo molhado e que jorra-lhe pelas pernas uma cascatinha de urina.

CORTA PARA:

116 EXT. SANTUÁRIO DO MENINO -- NOITE 116

Antônio, Rodney e Roberto Carlos sentados na pedra que brota do feio chão cimentado do santuário. Rodney está deitado ao lado do Rei.

RODNEY  
O senhor tem um dinheiro pra me dar?

Antônio, envergonhadíssimo, dá uma cotovelada em Rodney. Roberto Carlos olha para os meninos.

CORTA PARA:

117 EXT. POSTO FERROVIÁRIO -- NOITE 117

Antônio coloca carinhosamente o adormecido Rodney num canto. O menino meio acorda.

ANT'NIO  
(sussurrando)  
Dorme, Rodney.

RODNEY  
(de olho fechado,  
sonhando)  
Eu sou amigo do rei!

Rodney adormece de novo. Antônio põe a mão no bolso do short do irmão e tira duas notas de 50 reais. Olha para o dinheiro. Pega um um saco plástico que traz em seu bolso, com moedas e uma ou outra nota de um real, e guarda as notas de 50 ali dentro.

CORTA PARA:

118 EXT. ESTRADA EM FRENTE AO POSTO FERROVIÁRIO -- DIA

118

A família está pronta para partir para mais um trecho de estrada. Despedem-se de Gideão. Antônio já está montado em sua bicicleta e espera impaciente por Rodney.

GIDE O  
 (rindo, para Clévis e  
 os meninos pequenos)  
 A gente ainda se vê por esse mundão.  
 Não é porque eu vou de a pé que eu  
 não posso alcançar vocês!

Volta-se para Romão, que já está na bicicleta, com Suelena na garupa.

GIDE O (CONT'D)  
 Seu Romão, o senhor é um homem de  
 muito valor, vale bem mais que os  
 mil reais que o senhor diz que  
 precisa.

Romão se volta para ele, enfático:

ROM O  
 O senhor entende? Não é querer demais,  
 é querer o que a gente precisa.

Gideão olha nos olhos de Romão por um momento.

GIDE O  
 Olhe, Filadélfia não é nem trinta  
 quilômetros daqui. Chegando lá,  
 você procure por um grande amigo  
 meu, borracheiro...

CORTA PARA:

119 EXT. ESTRADA -- DIA

119

Romão pedala forte e decidido. O rosto sério. Suelena abraçada à sua cintura.

As quatro bicicletas na estrada de novo.

GIDE O (V.O.)  
 Coração de ouro! O nome dele é  
 Edevaldo, mas nem adianta procurar  
 por esse nome...

CORTA PARA:

120 EXT. ESTRADA/BARRACA DE FRUTAS -- DIA

120\*

Beira de estrada, sol de duas horas da tarde.

Em segundo plano, a família toda abrigada do sol sob uma barraca de vender frutas.

Em primeiro plano, Romão, sempre sério, agachado diante da bicicleta, reparando a corrente que escapou. A testa suada, mas no rosto nenhum sinal de sofrimento.

GIDE O (V.O.)

Procure pelo Neguiça. Vá ao posto que tem logo na entrada da cidade e procure por Neguiça - ouviu? Neguiça, borracheiro dos bons, cabra arretado...

Sem motivo, e repentinamente, Clévis sai da sombra e corre na direção do pai.

CORTA PARA:

121 EXT. ENTRADA DA CIDADE DE FILADÉLFIA -- DIA

121

As quatro bicicletas passam pela placa que marca a entrada da cidade de Filadélfia. Uma cidade bem pequena e bem pobre, igual a tantas na beira da BR.

Logo adiante há um posto de gasolina.

Vemos que Romão para a bicicleta próximo a uma bomba de gasolina e se dirige ao frentista. Pega informações. O frentista aponta uma direção.

Romão mais uma vez à frente da família.

GIDE O (V.O.)

Quem sabe Neguiça não arranja umas comida pra vocês? Ou arruma um serviço pra você, Romão?

122 EXT. BORRACHARIA DE NEGUIÇA -- DIA

122

Quem viu uma borracharia viu todas, e a de NEGUIÇA - 35/40 anos, albino, de traços negros, cabelo branco - não é exceção. Logo à entrada, a placa: BORRACHARIA "NÃO FUI CULPADO" DIREÇÃO: NEGUIÇA.

GIDE O (V.O.)

Mas não esqueça de falar em Gideão!  
Diga que é amigo de Gideão!

Romão está diante de Neguiça. Clévis está ao lado do pai, como sempre. Antônio observa tudo da porta.

ROM O

Eu sou amigo de Gideão!

NEGUIÇA

Gideão?

ROM O

Gideão!

NEGUI«A  
 (mal-humorado)  
 Que Gideão?

Romão perde o rebolado. Clévis toma a palavra.

CL...VIS  
 Um com uma voz assim, ó:  
 (imita Gideão)  
 "ter uma mulherzinha pra comer, pro  
 chaca-chaca-na-butchaca".

Neguiça abre a cara desconfiada e ri um riso surpreendente.

NEGUI«A  
 Ah! Gideão... O chupa-cabra! He he  
 he!

\*

CORTA PARA:

123 EXT. LOJA AO LADO DA BORRACHARIA DE NEGUIÇA -- NOITE 123

Um recinto relativamente amplo, mas atulhado de tralhas, de janelas pequenas e gradeadas, muito sujo. As janelas dão para o posto de gasolina, do outro lado de uma rua de barro.

Antônio olha por uma dessas janelas. Vê um GRUPO DE JOVENS que passa. São adolescentes, como ele.

NEGUI«A (O.S.)  
 Não é hotel de luxo, mas é melhor  
 que dormir na rua.

Vemos Neguiça, parado na porta. Vemos melhor o ambiente. Há muitas tralhas eletrônicas espalhadas. Neguiça tira de um canto uma tevê. Põe o aparelho sobre um caixote, liga na tomada. Aparece uma imagem em P&B cheia de fantasmas e interferências.

NEGUI«A (CONT'D)  
 Ajeitando bem a antena dá pra vocês  
 ver o jornal, a novela, um futebol...

\*

Neguiça se dirige a Romão, de pé perto dele, mas é Rose, agachada arrumando um canto para por Cícero, quem responde.

ROSE  
 Muito obrigado, seu Neguiça.

Antônio, sem sair da janela, fala como se fosse para si mesmo, mas alto para todo mundo ouvir.

ANT'NIO  
 Hoje é sábado, esse pessoal vai pro  
 clube.

Rose olha para Antônio. Neguiça vai saindo.

NEGUI«A

É como eu falei, seu Romão. Não tem serviço por aqui não. Mas amanhã a gente vê se consegue uma ajuda.

Antônio sai com Neguiça, Rose vai atrás deles.

NEGUI«A (CONT'D)

E vamos tratar de reforçar os pneus dessas bicicletas que isso tá é tudo podre!

CORTA PARA:

124 EXT. RUA DE BARRO EM FRENTE à LOJA/FILADÉLFIA -- NOITE 124

Antônio para Neguiça.

ANT`NIO

Onde é o clube? Tem baile, não tem? Hoje?

NEGUI«A

É perto. Você segue por aqui, vai direto, terceira rua. Não, quarta.

Rose puxa o filho pelo braço.

ROSE

Pra que você quer saber?

Neguiça cai fora, de fininho.

NEGUI«A

Boa noite...

ANT`NIO

(para Rose)

Saco cheio. Me larga! Me deixa!

Rose pega Antônio pelo braço.

ROSE

Menino, eu sou sua mãe.

Antônio dá as costas. Começa, passos fortes e decididos, a andar na direção apontada por Neguiça. Rose corre, pega-lhe de novo pelo braço, puxa forte. Ele reage. Eles praticamente se engalfinham.

Romão chega, puxa um e outro com força e autoridade.

ROM O

(para Rose)

Deixa ele.

Rose olha para o marido, incrédula. Antônio olha para o pai, incrédulo. Romão não olha para nenhum dos dois.

Encaminha-se de volta para a loja, segurando Rose pela mão.

ROM O (CONT'D)

Cada um tem que ser dono do seu nariz.

Antônio vê os pais entrarem na loja. Olha para a rua vazia. Vê, numa esquina adiante, outro GRUPO DE JOVENS, provavelmente indo para o baile também.

CORTA PARA:

125 EXT. RUA EM FILADÉLFIA -- NOITE 125

Antônio caminha sozinho. Escutamos mais ou menos distante a música do baile. Trata-se de um arranjo estilo música baiana (axé music) para uma canção de Roberto Carlos.

CANTORA DO BAILE (O.S.)

Meu amigo volte logo  
Venha ensinar seu povo  
Que o amor é importante  
Vem dizer tudo de novo...

Os passos de Antônio são tímidos e vacilantes. Ele já não está decidido como quando brigou com a mãe. Ainda assim, ele segue em frente.

CORTA PARA:

126 EXT. RUA DO CLUBE/FILADÉLFIA -- NOITE 126

O lado de fora do clube já parece uma festa. Algumas barracas de bebidas e comidas fumacentas. Muita gente encostada aos carros ou em grupos pelo meio da rua. A maioria jovens, mas há gente de toda idade.

A música que vaza do clube é alta suficiente para que as pessoas dançam na rua, do lado de fora. Grupos de meninos e meninas dançam coreografias.

CANTORA DO BAILE (O.S.)

Muita gente se esqueceu  
Que o amor só traz o bem...

Antônio vê aquele movimento todo de longe. Algumas pessoas passam por ele. Olham para ele.

Ele dá meia volta. Começa a se afastar, primeiro a passos normais. De repente, corre. Corre. Corre.

CORTA PARA:

127 EXT. RUA DE BARRO EM FRENTE à LOJA/FILADÉLFIA -- NOITE 127

Quando Antônio atravessa o posto de gasolina para chegar à rua onde a família está alojada, vê Romão sentado diante da loja.

Ele caminha devagar até o pai, que está fumando um cigarro.

ROM O  
Bom, o baile?

ANT`NIO  
Bom.

Eles não se olham. O pai fuma e olha para cima. O filho caminha, chuta pedrinhas.

ROM O  
Muita mulher?

ANT`NIO  
Muita.

ROM O  
Dançou?

ANT`NIO  
Dancei.

ROM O  
É mesmo?

ANT`NIO  
...

ROM O  
Bebeu?

ANT`NIO  
Bebi.

ROM O  
É?  
(pausa)  
Quer fumar?

Romão oferece ao filho cigarro que está fumando, pela metade.

ANT`NIO  
Quero.

Pega o cigarro estendido por Romão. Este entrega o cigarro e se levanta. Entra na loja sem dizer mais palavra. Antônio fica um tempo sozinho com o cigarro na mão. Quase o coloca na boca algumas vezes. Afinal, joga a guimba no chão.

Anda, não sabe nem para onde. Volta até a gimba. Pega a guimba ainda acesa do chão. Dá uma tragada tímida. Quase tosse, mas não tosse. Dá outra tragada. Segura a tosse o máximo que pode, até ficar com a cara vermelha. E explodir em tossidas.

CORTA PARA:

128 INT. LOJA AO LADO DA BORRACHARIA DE NEGUIÇA -- DIA 128

Antônio entra na loja. Rose, cercada pelos outros filhos, vê tevê pessimamente sintonizada. Ela nem olha para Antônio. Romão também está vidrado na tevê.

CORTA PARA:

129 INT. BORRACHARIA DE NEGUIÇA -- DIA 129

Neguiça ergue-se do chão, diante de uma daquelas cubas onde se mergulham pneus nas borracharias.

NEGUIÇA

Pronto, Antônio. Pneu reforçado.  
Melhor que novo!

Antônio recebe o pneu da bicicleta das mãos de Neguiça. Vira-se e sai da borracharia.

A luz que entra pela porta da rua incomoda o albino Neguiça.

NEGUIÇA (CONT'D)

Como é que é, minha gente? Quem é o próximo?

Entra Suelena, esvoaçante em sua fantasia, carregando um pneu quase maior que ela.

CORTA PARA:

130 EXT. POSTO DE GASOLINA/FILADÉLFIA -- DIA 130

A família pronta para mais um trecho de estrada. Neguiça entrega a Rose um saco pequeno, com alguns mantimentos.

ROSE

Obrigado, moço.

Ela tenta amarrar o saco na bicicleta, mas não há mais aonde. Antônio se adianta para ajudar. Rose o repele, puxa o saco plástico. Neguiça percebe o clima, se adianta e amarra ele mesmo o saco na bicicleta de Rose. Antônio vai para a sua bicicleta. \*

Romão dá a primeira pedalada. A família parte para a estrada outra vez.

CORTA PARA:

131 EXT. ESTRADA NA REGIÃO DA SECA -- DIA 131

A família percorre uma região extremamente seca. A paisagem é desolada como não vimos até agora. Eles passam por uma ponte. Romão olha para baixo. Nem uma gota d'água no leito seco do rio.

CORTA PARA:

132 EXT. ACOSTAMENTO -- DIA 132

Cícero chora alto, no colo de Rose. Ela está nervosa.

ROSE

Os meninos precisam de água, Romão. \*

O rosto tenso de Romão, debaixo de um sol de rachar. Em primeiro plano, Rodney cutuca um machucado no calcanhar. \*

CORTA PARA:

133 EXT. ESTRADA DE TERRA -- DIA 133

É fim de tarde. As bicicletas quase encobertas por uma cortina de poeira barrenta levantada pelos carros e caminhões. A luz do sol filtrada pela poeira, os carros de farol aceso.

Rose tenta proteger o rosto de Cícero daquela poeira toda, e dirige com uma mão só. Ela mal vê a bicicleta que vai na frente da dela. Uma carreta tira um fino. Ela se assusta, perde o equilíbrio, cai no acostamento, rola no chão. Cícero é atirado longe. Antônio vem logo atrás e vê tudo. \*

ANT`NIO

Mãe!

Romão se volta. Vê Rose caída, pára a bicicleta, corre até ela. \*

ROSE

O menino, alguém apanhe o menino! \*

Suelena recolhe o irmão Cícero do chão. O bebê não chora, está mudo. Um instante. Suelena com o bebê nos braços é quase uma mulher. Ninguém ousa dizer nada, ninguém se move. A menina sacode o bebê. Ele chora. Alívio. Suelena sorri. Romão ajuda Rose a se levantar. \*

ANT`NIO

Machucou, mãe? \*

Romão levanta a mulher nos braços. \*

CORTA PARA:

134 EXT. ÔNIBUS ABANDONADO -- NOITE 134

Choro fraco de Cícero.

RODNEY

(para Romão) \*

Não tem água, pai? \*

A família está abrigada dentro de um ônibus abandonado na beira da estrada. Luz do bujãozinho se reflete nas janelas do veículo. Estão todos muito sujos de poeira. Rose está deitada, com o rosto machucado pela queda. \*

Tempo.

Suelena toda encolhida. Sua fantasia, que já era velha, está imunda.

A luz do lampião se apaga e ficamos na escuridão. Cícero chora baixinho.

CORTA PARA: \*

135 EXT. ÔNIBUS ABANDONADO -- AMANHECER 135\*

O dia está nascendo e a família começa a despertar dentro do ônibus. Escutamos um ligeiro tamborilar. O ruído aumenta e a família se dá conta: está começando a chover. Clévis corre até uma janela e vê a chuva batendo no vidro rachado. Alvorço na família. Rapidamente a chuva se converte em temporal. \*

Rose é a primeira a sair do ônibus. Ela olha para o céu e lava a sujeira acumulada esfregando o rosto com as duas mãos. \*

CORTA PARA: \*

136 EXT. ÔNIBUS ABANDONADO -- MAIS TARDE 136\*

A chuva continua forte. \*

Antônio carrega para dentro do ônibus uma panela e uma leiteira cheias de água da chuva. \*

Lá dentro, Rose lava Cícero numa outra panela. Pela janela, entrevemos Clévis e Rodney chafurdando na lama. \*

CORTA PARA:

137 EXT. ÔNIBUS ABANDONADO -- DIA 137\*

Vemos o ônibus completamente cercado de água, parecendo um barco encalhado. Na porta dianteira, Romão sentado nos degraus. Na porta traseira, Rose. Ambos em pose muito parecida, olhando impotentes a água em torno. \*

CORTA PARA: \*

138 EXT. ENTRADA DE FEIRA DE SANTANA -- DIA 138

O dia está nascendo e nossas bicicletas estão entrando em Feira de Santana. Uma cidade grande, de tráfego intenso.

CORTA PARA:

139 EXT. RODOVIÁRIA EM FEIRA DE SANTANA -- DIA 139

A família acaba de chegar à rodoviária. Sol forte, de três da tarde. Nossos heróis estão mais cansados e abatidos que nunca. E sujos, com lama grudada no corpo e nas roupas. \*

Rose lava Cícero numa espécie de tanque, próximo a uma garagem. No fundo do tanque, tapetes de borracha de carro. Ela faz muita força para não chorar. Antônio limpa a testa e o rosto feridos da mãe com um pano molhado.

Suelena chega do banheiro, de banho tomado mas ainda com a fantasia suja.

ROSE  
Suelena, não te disse pra jogar fora  
essa roupa?

\*

SUELENA  
NÃO!

ROSE  
Suelena!

SUELENA  
NÃO!

Antônio pega a irmã pelo braço.

ANT`NIO  
Obedece a mãe-

ROSE  
(para Antônio)  
Larga ela!

Antônio não entende nada. Suelena aproveita a chance e cai fora. Acompanhamos sua corrida.

CORTA PARA:

140 INT. RODOVIÁRIA DE FEIRA DE SANTANA -- MAIS TARDE

140

Antônio passa em frente às cabines que vendem passagens. Duas vezes ele pára em frente a uma cabine, faz que vai falar alguma coisa, mas se intimida pela presença de outras pessoas.

Chega numa das cabines. Toma coragem, afinal, e fala com a bilheteira, mas fala meio pra dentro.

ANT`NIO  
Tem ônibus pro Rio?

BILHETEIRA  
Hein?

ANT`NIO  
Tem ônibus pro Rio?

BILHETEIRA  
(impaciente, avaliando  
o andrajoso Antônio  
de alto a baixo)  
Fala pra fora, moleque.

ANT`NIO  
(fala alto, nervoso)  
Rio! Tem ônibus pro Rio?

BILHETEIRA  
Aqui tem ônibus pra todo canto, meu  
filho. Tá vendo esse cata-corno aí?  
(aponta com o beijo  
para o ônibus parado  
em frente)  
Esse vem de São Luis do Maranhão e  
só pára em São Paulo, catando e  
entregando corno de toda espécie e  
qualidade em todas as cidades no  
caminho, inclusive no Rio de Janeiro.  
O senhor doutor vai querer uma  
passagem?

ANTÔNIO fica mais nervoso ainda.

ANT`NIO  
Eu. Quanto é?

CORTA PARA:

141 EXT. RUA EM FEIRA DE SANTANA -- NOITE 141

A família está instalada numa rua suspeitíssima. Vemos a rodoviária no final da rua, na qual só vemos grandes portas de ferro fechadas, de garagens ou armazens, e o neon de um hotel suspeito. Há também um terreno baldio, parcialmente cercado, com lixo e a carcaça de um carro velho. Nossos personagens estão acampados na rua, diante desse terreno. Há outras pessoas ao longo da calçada. Pelo menos mais DUAS FAMÍLIAS, e UM OU OUTRO BÊBADO semi-adormecido.

Vemos o pequeno acampamento, na rua suja. \*

CORTA PARA:

142 EXT. RUA EM FEIRA DE SANTANA -- DIA 142

Um bolinho de passagens de ônibus na mão de Romão.

ROM O  
(para Antônio)  
Que é isso?

ANT`NIO  
(orgulhoso)  
Comprei pra nós. Pra não precisar  
mais ir de bicicleta.

Romão pega o filho pelo braço. Antônio se surpreende e reage. a família está toda em volta dos dois.

ROSE

Onde tu arrumou dinheiro pra isso,  
menino?

Antônio se atrapalha. Olha para Rodney.

ROM O

Fala. Anda, fala.

ANT`NIO

Foi o moço que-

ROM O

(fora de si)

É roubado? É dinheiro roubado?

Clévis puxa Suelena pela fantasia. O centro das atenções  
continua sendo a tensão entre Romão e seus pais.

CL...VIS

(baixo)

O Antônio é ladrão?

ROSE

Não pode. Onde tu arrumou isso,  
Antônio?

ANT`NIO

(pressionado)

Foi o Roberto Carlos que deu!

CL...VIS

(à parte, ninguém  
presta atenção)

O Antônio viu o Roberto Carlos?

Espanto. Silêncio. Antônio corre para Rodney.

ANT`NIO

Não foi, Rodney? Não foi o Roberto  
Carlos?

CL...VIS

(para Suelena)

O Rodney também viu o Roberto Carlos?

Rodney olha como quem não entende. Antônio percebe que o  
irmão sonâmbulo não se lembra de nada. Entra em desespero.

ANT`NIO

Porra, Rodney.

ROM O

Sem-vergonha. Safado.

Rose tem lágrimas nos olhos.

ANT`NIO

É pra ajudar nós. O Roberto Carlos.  
O Rodney.

CL...VIS

(não se contém, vai  
até Antônio)

Eu também quero falar com o rei!

Ninguém presta atenção a Clévis. Cícero chora, Rose, chorando,  
se afasta com o bebê.

ROM O

O seguinte é esse: a gente pede,  
porque é pobre, mas a gente não rouba,  
não.

Diante de um desesperado Antônio, Romão rasga as passagens,  
uma a uma. Pai e filho se encaram.

CORTA PARA:

143 EXT. RUA EM FEIRA DE SANTANA -- NOITE

143

A família dorme.

Para lá e para cá, passam PROSTITUTAS. São moças magrelas,  
desengonçadas, putas baratas. Carros velhos, fuscas,  
brasílias, chevetes, passam em marcha lenta.

Antônio eatá deitado longe da família. Do chão, vê passarem  
as putas. Vê suas pernas sobre os saltos altos, vê suas  
calcinhas debaixo das minissaias de cores berrantes. Não  
consegue pregar o olho diante dessas visões.

\*  
\*

CORTA PARA:

144 EXT. RUA EM FEIRA DE SANTANA -- MAIS TARDE

144

O movimento na rua ainda é o mesmo, talvez até mais intenso,  
mas a família dorme. Acordam quase todos com a buzina  
insistente de um caminhão.

Antônio demora a focar o velho caminhão. que buzina e expulsa  
os carros menores, os tais fuscas, brasílias etc., que passam  
vistoriando as putas. Estas também param para ver o caminhão.

No alto e nas laterais do caminhão, lemos:

PARQUE TEMÁTICO CAMINHO DAS NUUVENS

E tome buzina.

CORTA PARA:

145 EXT. TERRENO BALDIO/FEIRA DE SANTANA -- DIA

145

O caminhão do Parque Temático Caminho das Nuvens está estacionado no fundo do terreno baldio. Diante dele, duas barracas armadas. Uma, menor e aberta, serve de "ante-sala" à outra, um pouco maior e fechada. Na entrada do terreno, faixas onde se lê:

PROCURA-SE: HOMENS MULHERES CRIANÇA. SEM INSTRUÇÃO. PAGA-SE BEM.

Uma fila bastante grande começa na barraca menor e serpenteia até a rua. Na fila, MENDIGOS, algumas das PUTAS que vimos à noite, FAMÍLIAS INTEIRAS (algumas famílias de rua, outras um pouco menos miseráveis), GRUPOS DE HOMENS etc. Uma vez chegando à barraca menor, eles dizem o nome ao ANOTADOR, que lhes entrega de volta um papel e os encaminha para outra fila, menor, que leva para dentro da barraca fechada. De pé, vistoriando tudo, um homem forte com cara de fuinha, CALLADO.

Os alto-falantes do caminhão inundam a rua com música altíssima.

Rose e Romão discutem, no meio da fila, com todos os filhos em volta. Os pertences, eles trouxeram para um canto dentro do terreno, e fica sempre um dos meninos de olho.

ROM O

O seguinte é esse, mulher: isso só pode ser tudo enganação.

ROSE

Mas, homem, a gente tá nessas estradas tudo sei lá quanto tempo, sempre atrás de um serviço qualquer.

ROM O

Nunca vi disso.

ROSE

Nunca vi também homem cabeça dura que nem tu. Esquisito é querer ir pro Rio de Janeiro de bicicleta com cinco filho, num é não?

Está chegando a vez deles. Escutamos o diálogo do Anotador com uma Jovem puta.

ANOTADOR

Nome?

JOVEM PUTA

É pra que isso aí, hein?

ANOTADOR

Nome?

JOVEM PUTA

Xuxa.

O Anotador levanta a cabeça.

ANOTADOR

Nome de verdade, criatura, nome da  
carteira de identidade.

CORTA PARA:

146 EXT. FILA DA BARRACA FECHADA -- DIA

146

A família (cada um com um pedaço de papel na mão) agora se amontoa na outra fila, a que dá ingresso à barraca maior, fechada. O caos está instaurado no terreno baldio. Gente à beça, barulho, música alta, empurra-empurra nas filas. CALLADO - 40 e poucos anos, forte, pescoço cheio de dobras, tatuagem do Pato Donald na nuca - controla a entrada das pessoas.

Cícero chora loucamente no colo de Rose, que leva um empurrão de alguém atrás na fila.

ROSE

Êpa!

Romão, que está nervosíssimo, parte na direção do bolo indistinto de pessoas de onde teria vindo o empurrão. É contido por Callado.

CALLADO

Sua vez, magnata.

Romão nem entende direito o que o outro quer dizer.

CALLADO (CONT'D)

Vai entrar ou não vai?

ROSE

(empurrando Romão,  
Antônio e os outros  
filhos)

Vambora, que é agora ou nunca!

Eles entram na barraca.

CORTA PARA:

147 INT. BARRACA DE PANAMÁ -- DIA

147

Nem bem entra na barraca e a família é toda ofuscada (e nós com eles) pelo espoucar de um flash. A tela fica toda branca e quando a imagem volta ao normal vemos um homem de seus 45 anos (PANAMÁ), magro, baixinho, com uma pequena máquina fotográfica digital na mão.

\*

Silêncio. Ninguém consegue sequer esboçar uma reação.

\*

PANAM;  
 Todo mundo quieto.

Panamá vai fotografando um a um dos membros da família. Seus rostos vão se sucedendo no no visor de cristal líquido da câmera. \*

PANAM; (CONT'D)  
 Ustedes vão direto de la realidad social hasta la realidad virtual. \*

Panamá enquadra Rose, com Cícero.

Enquadra Romão. \*

Enquadra Clévis. Fotografa. Enquadra Suelena. Fotografa. Enquadra Rodney. Fotografa.

Enquadra Antônio. Este não levanta a cabeça.

PANAM; (CONT'D)  
 Vamos levantando la cabeza?

Antônio não se move.

Impaciente, num gesto impetuoso, Romão pega o filho pelas bochechas e levanta-lhe a cara, que é imediatamente fotografada. A foto de Antônio fica no monitor.

PANAM; (CONT'D)  
 Tímido, é?

Panamá dá as costas para Antônio e a família. \*

PANAM; (CONT'D)  
 Callado, pode mandar o próximo pacote. \*

Todos na família se entreolham, atônitos. Romão se adianta.

ROM O  
 O senhor me desculpe.

Callado está entrando na barraca nesse momento.

Panamá dá a volta de novo e encara o grupo, que já vai sendo retirado por Callado.

PANAM;  
 Mi señor, Panamá tem todo esse povo aí fora para atender. Guarde su numero aí no papel, e aguarde.

CORTA PARA:

148 EXT. MARQUISE -- NOITE

148

A família está de volta à marquise. Só que dessa vez há muito mais gente com eles.

Praticamente toda a calçada está ocupada pelas pessoas que passaram pela barraca de Panamá. O terreno também está cheio. Callado, com ajuda de dois outros homens fortes, monta o telão do lado de fora da barraca, sobre o caminhão.

Aparece Callado, com uma escada. Ele encosta a escada à lateral do caminhão. Panamá sobe a escada e se aloja no alto da boléia.

PANAM;

Mis amigos. Acá és la lista de los  
escolhidos. Aqueles que tiverem los  
números aqui anunciados que se  
apresentem no caminhão com Callado.

\*

A jovem puta. Um casal de jovens. Um velho bêbado. Caras de expectativa. Escutamos a leitura dos números enquanto vemos as caras do povo.

PANAM; (O.S.) (CONT'D)

17. 23...

Vemos nossos heróis.

PANAM; (O.S.) (CONT'D)

64. 70...

Antônio olha seu número. É o 71. Rose olha para Antônio.  
Romão mostra seu número. É o 77.

PANAM; (CONT'D)

72. 73. 77.

Romão olha para Rose. Continuamos escutando a ladainha dos números de Panamá.

\*

CORTA PARA:

149 EXT. TERRENO BALDIO/FEIRA DE SANTANA -- NOITE

149

É bem tarde da noite. A rua, à margem do terreno baldio, já voltou à sua rotina de bêbados, putas baratas, fuscas e brasílias.

No terreno, não há mais multidão. Apenas um grupo de mais ou menos vinte pessoas aguarda diante do caminhão de Panamá, entre eles a nossa família.

ROM O

Mas, Rose, a gente nem sabe o que é  
esse negócio.

\*

\*

ROSE

(tensa)

Dessa vez você vai me ouvir. É emprego  
pra você, é serviço até pros meninos  
também. Eu não aguento mais a estrada.

\*

\*

\*

\*

\*

Romão não responde, mas pela primeira vez vemos dúvida em seu rosto.

ROSE (CONT'D)

Eu não aguento mais a estrada, não aguento mais essas bicicletas, não aguento esses meninos passando necessidade.

CORTA PARA:

150 EXT. RUA EM FEIRA DE SANTANA -- DIA

150

As pessoas subindo no caminhão de Panamá. Vemos que não há cadeiras dentro do caminhão, só o espaço vazio, escuro e mal-ventilado.

A família vai se preparando para subir, toda, e com todas as tralhas.

CALLADO

Espera aí. Com bicicleta e tudo, magnata?

ROM O

Meu amigo, não sou magnata nenhum, mas não posso ficar sem essas bicicletas. O amigo sabe desde aonde eu vim com essas bicicletas?

Callado para Panamá, que vai passando por perto.

CALLADO

Ô Panamá, pode embarcar bicicleta?

Panamá nem se dá ao trabalho de responder, e vai passar ao largo, mas é retido por Rose.

ROSE

(para Panamá)

Seu Panamá, a gente não pode ficar sem as bicicletas! Nós viemos de longe em cima delas!

Panamá volta-se para Rose. Ela está em cima do caminhão, com uma perna mais abaixo, numa rampa de tábua.

PANAM;

(grosseiro, para Rose)

Non és solo la bicicleta que non embarca. Usteded também não tá na lista. Esta não és la Arca de Noé, para levar um casal de cada bicho.

ROM O

Sem minha família, como é que eu vou? Três de nós ficar e quatro ir não pode.

PANAM;  
 (olha as pernas  
 castigadas de Rose)  
 Ustedes complicam mi vida.  
 (dá de cara com a  
 cara remelenta de  
 Suelena)  
 Ah, azar! Callado! Entope esse povo  
 aí dentro.

\*  
 \*

Imediatamente, Rose puxa Suelena pra dentro, Antônio e Clévis se ajudam com as bicicletas. Panamá se afasta, resmungando.

CORTA PARA:

151 EXT. CAMINHÃO NA ESTRADA -- DIA 151

O caminhão de Panamá cruza a estrada. O sol forte por detrás do veículo.

CORTA PARA:

152 EXT. CAMINHÕES NA Balsa para Arraial d'Ajuda -- DIA 152

O caminhão de Panamá manobra com dificuldade para entrar no ferry boat que leva de Porto Seguro à vizinha Arraial d'Ajuda. Afinal, se instala. O povo sai do caminhão e se mistura à fauna habitual dessas embarcações: MORADORES DA REGIÃO E TURISTAS. Vários carros têm seus rádios ligados em volume altíssimo.

A família se espalha pela embarcação. Rose e Romão na proa, olhando a terra que se aproxima. Clévis dança ao som de um dos rádios.

Antônio vai para a popa. Olha a espuma que a barca deixa para trás. Quando ele se cansa de olhar, volta-se e vê Panamá. Este parece cansado. Toma um refrigerante em lata. Olha para Antônio. Olha para o mar. Solta um arrote sentido e sincero.

CORTA PARA:

153 EXT. PARQUE CAMINHO DAS NUUVENS -- DIA 153

O "parque temático" Caminho das Nuvens é uma construção circular precária, de madeira e palha, cercada de lojinhas de bujigangas pataxó, com um portão alto e meio pretensioso, em estilo Jurassic-Park-dos-pobres. Grupos de TURISTAS entram no parque num par de jipes meio precários.

\*  
 \*  
 \*

O caminhão de Panamá pára por algum tempo próximo a esse portão, e é de dentro dele que a família vê esse movimento todo. Todos no baú parecem fascinados. Romão sorri como uma criança.

CORTA PARA:

154 EXT. FUNDOS DO PARQUE CAMINHO DAS NUUVENS -- DIA

154

O caminhão de Panamá descarrega seus passageiros. Vemos o mesmo muro de madeira da frente do parque, só que aqui nada de turistas, nem portão pretencioso, nem lojas. Um portãozinho bem banal é a única entrada. O terreno é sujo. Caçambas de lixo. Um jipe semi-desmontado, com um MECÂNICO MALTRAPILHO trabalhando nele.

\*  
\*

O portão está aberto e a carga humana de Panamá se dirige para ele. Romão avança com a família toda. Callado olha para Panamá, que intervém.

PANAM;  
Só entra quem foi selecionado.

ROM O  
Mas-

PANAM;  
(interrompendo)  
Não. Agora não tem jeito.

Romão e Rose se entreolham.

ROSE  
Vai, homem. A gente fica aqui por perto.

CORTA PARA:

155 EXT. FUNDOS DO PARQUE CAMINHO DAS NUUVENS -- DIA

155

Fim de tarde. Vento, tempo nublado. Rose, com Cícero, e Antônio não têm onde se abrigar no terreno descampado e sujo. Eles ficam como podem em cima do surrado tapete. Antônio tenta acender uma foqueira com papel e uns tocos achados no lixo. O sol já vai se por.

ROSE  
O que será que eles tão fazendo lá dentro? O que será o serviço que deram pra eles?

ANT`NIO  
E eu vou saber?

Rose se abraça a Cícero, protege-o do vento.

ROSE  
Você é muito ignorante com a sua mãe, sabia?

Antônio se levanta. Afasta-se da mãe. Caminha pelo terreno.

CORTA PARA:

156 EXT. FUNDOS DO PARQUE CAMINHO DAS NUUVENS -- NOITE

156

Antônio está encostado ao muro do parque. Vê, a uma certa distância, Rose e Cícero enrolados no tapete, fracamente iluminados pela foqueira que ele fez. Olha por uma fresta do portão. Toma coragem. Pula o portão.

CORTA PARA:

157 INT. PARQUE CAMINHO DAS NUUVENS -- NOITE

157

Antônio caminha pelo que parecem ser os fundos de um cenário. Tudo muito confuso. Muitos fios, escoras de madeira. Escutamos, em alto volume, o som de uma espécie de batuque, tipo de tribo de filme de Tarzan. Antônio está completamente perdido, o lugar é escuro e... ele tropeça e cai.

Do chão, o olhar de Antônio encontra um fresta na parede cenográfica. Com dificuldade, ele vai até o buraco na parede.

Pov de Antônio: vemos um pátio, CHEIO DE TURISTAS. O pátio é cercado por pequenos estandes.

Ele chega aos fundos de um estande, onde encontra uma passagem. O som do batuque está mais intenso do que nunca.

O estande é uma lojinha de produtos indígenas. Alguns no mínimo duvidosos, como cocares mais com cara de Apache que de Pataxó.

Antônio toma coragem, sai do estande, junta-se aos turistas no pátio. De imediato, ALGUNS GRINGOS reparam nele, com curiosidade.

Nesse momento, o som do batuque é sobrepujado pela voz de um APRESENTADOR BAIANO.

PANAM; (O.S.)

(pelo auto-falante)

Señoras e señores. El Parque Caminho das Nuvens agradece a vossa presença e avisa que está prestes a ter início a próxima atração de nuestro programa nocturno. Mas antes, algumas informaciones. Nossas atrações diurnas - la aventura submarina, el bungee jump del descubrimiento e o espetacular "navegando con cabral" - estão com desconto de vinte por cento para los idosos!

Entra, vindo do fundo do pátio, um grupo de bem uns cinquenta "ÍNDIOS".

PANAM; (O.S.) (CONT'D)

(pelo auto-falante)

E aí está!

(MORE)

PANAM; (O.S.) (CONT'D)

El más grande atracion de la noche.  
Um legítimo, verdadeiro quarup! Vivido  
por toda una tribo de autênticos  
pataxós.

\*  
\*

Os "índios" se espalham. Começam a fazer uma coreografia que de quarup evidentemente não tem nada. Vemos que os primeiros desses "índios" até tem cara de índio mesmo, mas de vez em quando aparece um mulato, uma cabocla, descaradamente maquiados.

PANAM; (O.S.) (CONT'D)

Como já sabem, pois leram en nuestro  
material promocional e educativo, el  
quarup é a festa de natal dos nuestros  
índios, o halloween da rain forest.  
Yes! Rain forest's halloween!

\*  
\*  
\*  
\*

Antônio olha para aquilo tudo embasbacado. Até que ele vê...no meio do "quarup"... seminus e de cara pintada... seus irmãos Rodney...Clévis...Suelena e... seu pai, Romão. Perdidos no meio daquilo tudo, pintados de urucum artificial, os quatro fazem número no meio de outros índios falsificados.

\*  
\*

O rosto de Antônio.

Ele se mete no meio da apresentação, causando desordem entre os figurantes. Esbarra e derruba um deles. Chega de frente para Romão.

\*

Pai e filho ficam cara-a-cara por um doloroso instante.

Aparece Callado:

\*

CALLADO

(enquanto arrasta  
Antônio, numa gravata)  
Ô seu filho da puta.

\*  
\*

CORTA PARA:

158 EXT. FUNDOS DO PARQUE CAMINHO DAS NUVENS -- NOITE

158

ROSE

Antônio, pelo amor de deus!

Antônio não responde. Passa por ela.

ROSE (CONT'D)

Onde você andou? Viu seu pai?

Antônio pega a bicicleta.

ROSE (CONT'D)

Antônio!

Ele sobe na bicicleta e vai embora, sem olhar para trás.

CORTA PARA:

159 EXT. Balsa para Porto Seguro -- Noite 159

Antônio na proa da balsa que faz o percurso entre Arraial d'Ajuda e Porto Seguro. Ele olha para a frente, para as luzes da cidade, adiante.

CORTA PARA:

160 EXT. Orla de Porto Seguro -- Noite 160

Antônio percorre de bicicleta a avenida que corre à beira-mar, paralela ao trecho de maior agitação noturna da cidade. Numa grande praça, espalham-se vendedores de artesanato, camisetas e outros produtos. Mais adiante, uma fileira de bares, restaurantes, barracas de bebida.

O som que vêm dos muitos auto-falantes é quase carnavalesco. Tão carnavalesco quanto o movimento das pessoas, a pé, de moto, em carros lotados, pulando e dançando pela rua.

CORTA PARA:

161 EXT. Fundos do Parque Caminho das Nuvens -- Noite 161\*

Romão tenta tirar do rosto a pintura de índio. Esfrega com força uma estopa. Está vestido com suas roupas normais, mas ainda se vê a pintura. Ali perto, Suelena, Rodney e Clévis também tentam se limpar. Rose está com outra estopa na mão.

ROSE

Deixa eu te ajudar.

ROM O

Vai limpar os meninos.

Rose ainda insiste, tenta passar a estopa no braço do marido. Ele tira o braço num repelão.

ROSE

E o dinheiro?

Romão olha para Rose.

ROM O

Nunca mais, ouviu?

Rose baixa a cabeça.

ROM O (CONT'D)

Nunca mais você vai me ver pegar um serviço que não é certo pegar.

CORTA PARA:

162 EXT. PASSARELA DO ÁLCOOL -- NOITE

162

Antônio vai empurrando sua bicicleta por uma rua de PEDESTRES, a "Passarela do Álcool", em que vão e vêm, misturados, turistas, vendedores ambulantes, bêbados, moças anunciando os mais diversos produtos, grupos de jovens, músicos, capoeiristas. De um lado da rua, restaurantes, lojas e bares. Do outro, barraquinhas de bebidas.

Aos olhos de Antônio, um mundo assombroso. Mas nada o impressiona mais do que...

...A visão de uma jovem loura vestida de SEREIA. Ao lado de um homem já de certa idade, espalhafatosamente vestido de NAVEGADOR PORTUGUÊS, ela distribui sorrisos e filipetas aos passantes. Muitos turistas param para serem fotografados com a estranha dupla, e em especial com a Sereia, que é um avião.

Antônio passa perto da Sereia. Pega uma filipeta, não ganha nem um olhar - ela parece uma mulher imensa diante dele - e segue em frente. A filipeta apertada na mão.

E é assim, bobo, que ele vai atravessar uma rua transversal e...

...Uma freiada brusca, um velho bugre não o atropela por pouco. A cara de susto de Antônio. Ele olha para o bugre e se assusta ainda mais quando, do banco de trás, surge Gideão.

GIDE O

Antônio! Quer morrer, cabra?!

CORTA PARA:

163 EXT. BUGRE -- NOITE

163

Antônio e bicicleta precariamente instalados no banco de trás do bugre, pilotado de forma imprudente por Neguiça, com Gideão no banco do carona. Este passa a Antônio um saco de pão.

GIDE O

Coma, cabra, que saco vazio não fica de pé.

Antônio pega o saco, tira de dentro um pão francês. Morde o pão, com vontade. Enquanto isso, Gideão entorna goela abaixo um bom gole de cachaça.

GIDE O (CONT'D)

E isso aqui levanta tudo!

(faz gesto com o braço,  
simulando ereção)

Porque nesse tal desse Porto Seguro  
não falta buraco pra afogar o jegue!

NEGUI«A  
É estrovenga no xibiu!

Neguiça parece especialmente fora de si, bem diferente do homem razoável e ponderado que vimos algumas seqüências atrás. \*

CORTA PARA:

164 EXT. BARRACA LUAU -- NOITE

164

Gideão, Neguiça e Antônio numa dessas boates à beira-mar que em porto seguro são eufemisticamente chamadas de "barracas". Antônio está vestindo uma camiseta de estampa escandalosa, tipo "eu amo Porto Seguro".

O grupo está no balcão pedindo bebidas. Neguiça tira um bolo de dinheiro do bolso e paga tudo. Antônio não deixa de reparar no gesto, e na grana. Eles precisam berrar para se fazerem ouvir, porque a música baiana é tocada em volume estrondoso. Lugar cheio. GRUPOS DE MENINAS fazem coreografias sensuais.

ANT`NIO  
Gideão, o Neguiça é rico?

GIDE O  
Hein?

ANT`NIO  
O Neguiça é rico? O Neguiça?

NEGUI«A  
Sou rico por uma noite!  
(ri muito)  
Conta pra ele, chupa cabra.

Gideão abraça Antônio. Fala-lhe quase dentro do ouvido.

GIDE O  
Neguiça junta dinheiro pra essa noite  
pra mais de vinte anos!

A cara de Neguiça.

GIDE O (CONT'D)  
Quando ele era pirralho, disseram  
que não vivia muito. Que não chegava  
aos 30, 40 nem pensar. E adivinha  
que dia é hoje? é aniversário desse  
puto!

NEGUI«A  
Eu não morri, seu filhos da puta.  
Agora eu posso até morrer, porque  
não morri!

Neguiça sai como um possesso para o meio da multidão orgiástica. Gideão o segue, arrastando Antônio com ele.

TRÊS MENINAS SEMINUAS dançam em cima de uma mesa, suas bundas a poucos centímetros da cara de um embasbacado Antônio. Gideão o abraça, numa intimidade suada, quase obscena.

CORTA PARA:

165 EXT. BARRACA LUAU -- NOITE

165

Num trecho de areia mais próximo do mar, uma mini-barraca funciona como um bar, com barman, banquinhos e tudo. Neguiça paga bebidas não só para Gideão e Antônio, mas também para um pequeno GRUPO DE MULHERES. Um FOTÓGRAFO tira fotos polaroid do grupo. \*

Antônio está muito bêbado quando repara, entre as mulheres que cercam o grupo, a Sereia. Vemos que ela é bem mais jovem do que parecia, talvez tenha 17, 18 anos no máximo. Antônio cambaleia até ela, que acaba de receber uma caipirinha do barman. Neguiça percebe e...

NEGUIÇA

A Sereia também bebe por minha conta!

Ela responde a gentileza com um sorriso pré-fabricado. Antônio está do lado dela. Põe timidamente o braço em seu ombro e sorri bebum.

ANTÔNIO

(voz pastosa)

Você é linda.

Ela lhe devolve um olhar neutro. É quando se coloca diante deles o fotógrafo com sua polaroid. Como que num reflexo - afinal, ela faz isso todo dia e o dia todo com os turistas - ela encosta o rosto ao de Antônio e sorri. Flash!

Antônio com a foto polaroid na mão. Trêmulo, espera a imagem se formar. Quando torna-se nítida a imagem dele abraçado à Sereia, ele olha para um lado, para o outro, e ela sumiu.

CORTA PARA:

166 EXT. FUNDOS DO PARQUE CAMINHO DAS NUUVENS -- AMANHECER

166\*

A família já desmontou acampamento, e está pronta para partir mais uma vez. Romão conversa com um mecânico. \*

MEC-NICO

(sem parar de trabalhar)

Pro Rio de Janeiro, tem que pegar a BR 101. Melhor pegar a balsa e ir perguntar lá em Porto Seguro. Daqui é complicado de explicar. \*

CORTA PARA:

\*

167 EXT. Balsa para Porto Seguro -- dia 167\*

A família na proa da balsa cheia de carros. Eles vêm se aproximar o cais de Porto Seguro. Em primeiro plano, Rodney pede dinheiro a um turista. \*

168 EXT. Barraca Luau -- dia 168\*

Antônio acorda na praia. O sol na cara amassada de ressaca. Levanta-se. A praia cheia de copos, garrafas e latas de bebida. Ele tira do bolso a foto com a Sereia. Olha, olha, olha. Guarda a foto.

ROSE (O.S.)

Antônio!

O rapaz levanta de um pulo, guarda a foto no bolso, volta-se. Diante dele, toda a família. Rose à frente de todos. Romão logo atrás, com Cícero no colo. Clévis, na calçada, toma conta de Rodney e Suelena, e das três bicicletas. Rose avança na direção do filho mais velho. Dá-lhe tapas, está possessa.

ROSE (CONT'D)

Desgraçado! Como é que larga a mãe, os irmãos pequenos!

Antônio não responde. Mal apara os tapas.

ROSE (CONT'D)

Teu pai tem razão.

A cara de Romão.

ROSE (O.S.) (CONT'D)

Tu não é filho, tu é castigo.

Antônio continua quieto.

ROSE (CONT'D)

E tu não diz nada?

Nada.

ROSE (CONT'D)

Não responde tua mãe? Não pede perdão?

Nada. Romão se aproxima, segura Rose.

ROM O

Chega, mulher.

Ela olha para o marido.

ROM O (CONT'D)

Vamos embora, tem muito chão daqui até o Rio de Janeiro.

Antônio olha para o pai. Romão se dirige a ele, sem encará-lo nos olhos.

ROM O (CONT'D)

Antônio, pegue Rodney.

ANT'NIO

Não vou. Fico aqui.

Agora, sim, Rose parece uma louca.

ROSE

O que? O que foi que você disse?

Antônio não responde. Rose vai até bem perto dele. Segura-lhe a cara.

ROSE (CONT'D)

Eu sou sua mãe, Antônio, eu mando em você. Você não tem querer. Tá pensando o que? Ficar aqui, sozinho?

Romão pega a mulher, afasta-a de Antônio. Vai puxando-a para perto dos outros filhos e das bicicletas.

ROSE (CONT'D)

(ainda falando para Antônio)

Você pensa que é dono da sua vida?  
Não é não!

ROM O

É sim.

Rose olha para o marido, estupefata. Romão, sempre sem encarar Antônio:

ROM O (CONT'D)

Filho tem que respeitar pai e mãe.  
Mas pai não é dono dos filhos. A mãe dá a vida, mas não é dona.

ROSE

Mas, homem.

Rodney, que estaria na bicicleta de Antônio, está a pé e desorientado. Romão olha para as três bicicletas remanescentes, Clévis já a postos em cima da sua.

\*  
\*

ROM O

(para Rodney)

Rodney, vai com Clévis.

\*  
\*  
\*

Rodney corre para a garupa do irmão, que sorri todo orgulhoso.

\*

CL...VIS

Agora eu tenho passageiro.

\*  
\*

Romão leva Rose pela mão (com Cícero no outro braço). Ela olha para trás, para Antônio.

Antônio não baixa a cabeça, sustenta o olhar da mãe.

CORTA PARA:

169 EXT. PASSARELA DO ÁLCOOL -- NOITE 169

A foto de Antônio com a Sereia. Antônio bobo olhando a foto.

Ele está diante de uma barraca de bebidas. No cartaz a bebida mais barata está anunciada a 50 centavos, a mais cara a 4 reais. Antônio pega um dinheiro do saco plástico que guarda no short. Aponta para o valor mais baixo no cartaz.

ANT`NIO

Me vê dois desse aqui.

CORTA PARA:

170 EXT. PASSARELA DO ÁLCOOL -- NOITE 170

Antônio caminha com os dois copos na direção da Sereia, que como na véspera distribui sorrisos e filipetas ao lado do homem fantasiado de navegador português.

Um turista que acaba de passar pela dupla e receber uma filipeta olha para trás, para avaliar a beldade, larga a filipeta e por muito pouco não esbarra em Antônio e seus copos.

Antônio olha a filipeta no chão, mas não lhe dá atenção nenhuma. Mas nós temos tempo de ler o anúncio:

PARQUE CAMINHO DAS NUVENS - PROMOÇÕES ESPECIAIS!

Antônio está diante da Sereia. Oferece-lhe a bebida.

ANT`NIO

Toma, comprei pra você.

Ela não presta atenção.

ANT`NIO (CONT'D)

Toma.

SEREIA

(sem parar de sorrir  
seu sorriso automático)

Dá licença, garoto, que eu tô trabalhando.

ANT`NIO

Oi?

Um grupo de turistas pára diante dela, saca máquinas fotográficas. Ela precisa se livrar de Antônio.

Vira-se para ele, com um sorriso mais falso ainda.

SEREIA

Querido, dá uma vultinha, dá? Que  
depois a gente conversa.

Antônio dá um passo atrás. Dois passos. Toma de um gole só o  
conteúdo de um dos copos. A voz dela ecoa em sua cabeça.

SEREIA (V.O.) (CONT'D)

Querido... Querido... Querido...  
Depois a gente conversa...  
Querido...Querido...

CORTA PARA:

171 EXT. PASSARELA DO ÁLCOOL -- NOITE

171

É tarde, a passarela do álcool está quase vazia. Antônio  
sentado num canto, com dois outros copos na mão. Ele vê que  
a Sereia se despede do navegador português. Plec plec plec -  
os saltos altos dela na calçada. Ela passa por onde ele está,  
sem vê-lo. Ele toma coragem, vai atrás dela, que se aproxima  
de uma esquina.

ANT'NIO

Ei!

Ela se volta.

SEREIA

(cara de mau-humor)

Ah, você...

(de repente, ela sorri,  
mas não é o sorriso  
fabricado, é um  
sorriso mais lânguido,  
derretido)

Oi.

ANT'NIO

(dá um passo à frente)

Oi.

PANAM; (O.S.)

Hola, mi Sirena.

\*

Panamá surge detrás de Antônio, para grande surpresa e  
desgosto deste. Panamá se acerca da Sereia.

SEREIA

Oi meu Panamá.

Eles se beijam. Antônio parado com os copos na mão. A Sereia  
e Panamá terminam de se beijar. Voltam-se para Antônio.

PANAM;

Y usted? Tá fazendo o que aí parado?

SEREIA

Ele tá atrás de mim com esses copos.

Panamá ri. Aproxima-se de Antônio.

Panamá vai pegar um dos copos. Antônio não deixa.

ANT`NIO

(corajoso)

É pra ela. Eu tô afim dela.

Panamá fica sério. De repente ri de novo.

PANAM;

Moleque, tu tá vendo isso aqui?

(segura na cintura da  
Sereia)

Esto és una mujer. Uno tiene que ser  
muy hombre

(faz gesto com o braço  
sugerindo virilidade)

pra dar conta disso aqui.

A Sereia ri, estupidamente feliz.

ANT`NIO

Eu sou homem.

PANAM;

Hombre...

Ódio na cara de Antônio. Ele joga a bebida de um dos copos na cara de Panamá. O líquido pinga da cara do outro. A Sereia olha para Panamá. Olha para Antônio. Sorri, caminha na direção de Antônio. Este sorri também, imaginando-se vitorioso. A Sereia, num gesto único e bruto, dá-lhe uma porrada no meio da cara, muito forte e muito certa. Voam copos, Antônio cai no chão. Ela então se volta para Panamá. Tenta enxugar-lhe o rosto com a barra da curtíssima fantasia. Ele a afasta, está muito sério. Aproxima-se de Antônio, agacha-se diante do garoto caído no chão.

PANAM; (CONT'D)

Tá doendo, né babaca?

Panamá se levanta. Enlaça a Sereia pela cintura. Ele sai caminhando abraçado à Sereia. Sua mão escorre pela cintura dela e lhe empalma a bunda.

Antônio, no chão.

CORTA PARA:

172 EXT. ESTRADA -- NOITE

172

Antônio cai sozinho na estrada. Trecho muito escuro,  
assustador.

\*  
\*

173 EXT. ESTRADA -- MAIS TARDE 173

Antônio chega a um trevo. Placas apontando para diversas direções e cidades. Uma delas diz "BR 101 - Rio de Janeiro". Deita debaixo dessa placa. Tira de um saco um pão duro. Arranca um naco, com dificuldade, e come. Dorme no trevo.

\*  
\*

174 EXT. ESTRADA -- DIA 174

Montage sequence: Antônio só na estrada.

Diversas imagens, do mesmo tipo das que costumamos ver da família inteira, mas agora só com Antônio. Notamos também que há mais carros novos que antes. A estrada é cada vez menos agreste.

Antônio pedala num acostamento esburacado.

Empurra a bicicleta ladeira acima.

Empurra a bicicleta ladeira abaixo.

No meio da estrada, Antônio olha o saco plástico. Meia dúzia de moedas, e mais nada. Mete as moedas no bolso e joga fora o saco.

Descansa debaixo do outdoor de uma loja, com uma belíssima modelo estampada.

CORTA PARA:

175 EXT. POSTO MILÊNIO/ES -- NOITE 175

Estamos num posto que é em tudo muito parecido com o Posto Milênio que a família visitou no início da história. Tudo muito limpo, muito iluminado.

Antônio encontra uma sala de projeção, também quase igual àquela do outro posto, onde viu o filme pornô. Olha o videocassete, resiste à tentação de colocar uma fita.

Arruma um canto para dormir, atrás da sala de projeção. De novo, tem dificuldade em pegar no sono. Ouve passos, vozes, ruídos. Afinal dorme. Vemos Antônio dormir. Escutamos passos. Pouco a pouco, uma sombra se projeta sobre seu rosto. A sombra cobre seu rosto. De repente, um jato de líquido começa a cair próximo à sua cara, quase na sua cara. Antônio acorda assustado e vê...

Pov de Antônio: Rodney, sonâmbulo, mijando bem na sua cara. Antônio abre um sorriso desse tamanho.

ANT'NIO

Rodney! Porra, moleque maluco!

Pula e abraça o irmão, que acorda assustado, sem entender nada.

CORTA PARA:

176 EXT. POSTO MILÊNIO/ES -- NOITE

176

Antônio sai pelo posto, com Rodney na garupa. Roda daqui, roda de lá... Até dar de cara com Romão, que procurava pelo pequeno sonâmbulo. Pai e filho bem que tentam, mas não conseguem segurar um sorriso.

ROM O

Olhe só.

Atrás de um grande caminhão, num tanque de lavar roupa dos caminhoneiros, Rose troca Cícero. Ela olha para trás e vê Antônio. Fica paralizada. Ele se chega e a abraça. O abraço de Rose é intenso. Vemos por sobre o ombro de Antônio o rosto de Rose se contraindo, tentando conter o choro. Afinal ela não consegue, e chora, chora, chora.

Vemos a família em plano geral, Rose chorando abraçada a Antônio, Romão e os irmãos a uma pequena distância. Cícero, que fora largado por Rose em pleno processo de limpeza de cocô, abre o berreiro.

CORTA PARA:

177 EXT. ESTRADA -- DIA

177\*

A família passa à margem de uma fileira de carros e caminhões retidos num engarrafamento. Em pouco tempo, chegam a um ponto em que mesmo o acostamento está tomado pelos carros. Eles precisam então apeiar das bicicletas e empurrá-las por fora da estrada.

Ao passar por uma velha caminhonete, caindo aos pedaços, Romão olha para dentro da cabine. Seu olhar cruza com o do MOTORISTA, que quase dorme ao volante, abraçado à ESPOSA. Dentro do carro vão, apinhadas, mais QUATRO CRIANÇAS.

ROM O

O amigo saberia me dizer quanto falta pro Rio de Janeiro?

O outro demora um pouco para responder.

MOTORISTA

A divisa tá logo ali.

Romão agradece com um gesto. Vai avançando com dificuldade, levando a bicicleta, com Suelena segurando na sua cintura. Parcialmente encoberta por um ônibus, vemos a placa da divisa Espírito Santo-Rio de Janeiro.

CORTA PARA:

- 178 EXT. ESTRADA -- TARDE 178\*
- A fileira de bicicletas dos nossos heróis recortada contra a luz do fim da tarde. \*
- CORTA PARA: \*
- 179 EXT. ESTRADA -- NOITE 179\*
- A família acampada num ponto de ônibus. \*
- Ao fundo, longe, iluminadas, quatro imensas antenas parabólicas transmissoras. \*
- CORTA PARA: \*
- 180 EXT. ACOSTAMENTO/ZONA INDUSTRIAL -- DIA 180\*
- Vemos uma placa de oferta de emprego, presa ao tapume de uma construção à margem da rodovia. Trata-se de um subúrbio industrial. \*
- ROM O (O.S.) \*
- O que é que tá dizendo aí, Rose? \*
- ROSE (O.S.) \*
- Tá dizendo que tem emprego. \*
- Vemos que a família está diante de um canteiro de obras, numa área industrial. \*
- Romão bate na porta da obra. A porta se abre. Romão troca algumas palavras (que não escutamos) com um PEÃO DE OBRA. Este abre mais a porta. Romão olha para trás, localiza Antônio. \*
- ROM O \*
- Vem, Antônio. \*
- Antônio até se assusta com o convite do pai, demora um instante para reagir. Entra atrás de Romão na obra. A porta se fecha atrás dele. \*
- CORTA PARA: \*
- 181 EXT. CANTEIRO DE OBRAS -- EM SEGUIDA 181\*
- Estamos no canteiro de obras. Romão e Antônio em primeiro plano. Ao fundo, diversos PEÕES DE OBRA, e o CAPATAZ, sentado numa cadeira, com uma prancheta na mão. \*
- ROM O \*
- Isso não é serviço pra mim. \*
- Antônio concorda com a cabeça baixa. \*
- ROM O (CONT'D) \*
- Mas é serviço pra ti. \*

Antônio olha para o capataz. Encara o pai. \*

ANT`NIO \*

Me dá um cigarro? \*

Romão olha para o maço. Só tem dois cigarros. Dá um para o filho. \*

ROM O \*

O próximo, tu vai comprar com teu dinheiro. \*

CORTA PARA: \*

182 EXT. ACOSTAMENTO/ZONA INDUSTRIAL -- MAIS TARDE 182\*

Ao fundo, o tapume do canteiro de obras. Romão ajeita Rodney na garupa da bicicleta de Clévis. \*

CL...VIS \*

(para Rodney) \*

Agora eu sou seu chefe. \*

Rodney nem toma conhecimento, está concentrado mexendo nos badulaques pendurados na bicicleta do irmão. \*

Perto dali, Rose encara Antonio. Ela fala com ele abraçada a Suelena. \*

ROSE \*

A gente vai se perder nesse mundo, Antônio. Pode nunca mais se achar. \*

ROM O (O.S.) \*

Rose, vambora mulé. Vamos pra estrada. \*

Rose respira fundo, segura o choro. Não chora. Antônio baixa o olhar. \*

Rose abraça Suelena mais forte. A menina fecha os olhos, fingindo dormir. Romão se aproxima das duas. Rose ergue o rosto para o marido. \*

ROSE \*

(para Romão) \*

Vamos ficar aqui essa noite. Amanhã a gente pega a estrada. \*

CORTA PARA: \*

183 EXT. ACOSTAMENTO/ZONA INDUSTRIAL -- AMANHECER 183\*

Antônio de pé, com sua bicicleta, diante do portão da obra, aonde entram TRABALHADORES. Um caminhão de cimento manobra para entrar. \*

- P.O.V de Antônio: sua família, nas três bicicletas restantes, se afasta pela estrada. \*
- CORTA PARA: \*
- 184 EXT. ESTRADA -- NOITE 184\*
- Rose, Romão e Clévis pedalam com esforço. Eles são iluminados o tempo todo por faróis. Estão num trecho intensamente movimentado da estrada. \*
- CORTA PARA: \*
- 185 EXT. ESTRADA -- DIA 185\*
- Beira de estrada repleta de instalações industriais, galpões, outdoors. Tráfego das primeiras horas da manhã. Uma passarela de pedestres cruza a estrada. Afixada à passarela, uma placa onde se lê: BEM-VINDO AO RIO DE JANEIRO. \*
- Vemos em perspectiva que nossa família pedala em direção à placa. Fatas morganas, sensação de esforço, parece que eles não alcançarão a placa nunca. \*
- CORTA PARA: \*
- 186 EXT. FAVELA -- ENTARDECER 186\*
- Uma favela à beira da Baía de Guanabara. Os barracos às margens de uma vala de esgoto larga suficiente para merecer uma ponte. É sobre essa ponte que vemos passarem agora nossas bicicletas e nossos heróis. Lá longe, bem ao fundo, o Cristo Redentor. \*
- ROSE
- Aqui é o Rio de Janeiro? \*
- ROM O
- É. \*
- A família parada no meio da paisagem, o sol se põe. \*
- CORTA PARA: \*
- 187 EXT. CRISTO REDENTOR -- DIA 187\*
- A estátua do Cristo Redentor, contra o céu azul de um dia ensolarado. Corrigimos para Rose. À frente dela, um CASAL DE TURISTAS é fotografado por um FOTÓGRAFO com uma polaróide. \*
- CORTA PARA: \*
- 188 EXT. TRENZINHO DO CORCOVADO -- DIA 188\*
- Dia ensolarado. Clévis canta para turistas gringos e brazucas. \*

CL...VIS  
 Se você pretende  
 saber quem eu sou  
 eu posso lhe dizer...

\*  
 \*

Suelena passa entre os turistas distribuindo bilhetes  
 xerocados com um texto em português e em inglês.

\*

CORTA PARA:

\*

189 EXT. CRISTO REDENTOR -- DIA

189\*

Rose vende refrigerantes e cerveja de um isopor. O tempo  
 todo tem que lidar com Cícero, que já anda e ameaça correr e  
 se atirar no abismo.

\*  
 \*  
 \*

CORTA PARA:

\*

190 EXT. BONDINHO DO CORCOVADO -- DIA

190\*

CL...VIS (O.S.)  
 Você vai pensar que eu não gosto nem  
 mesmo de mim...

\*  
 \*

Um gringo lê o bilhete: **Precisamus da sua ajuda. Qualque  
 trocado moedinha serve para ajudar minha mae e meus irmao  
 pequeno. Sua licença vou alegrar o seu dia com algumas  
 músicas do nosso rei Roberto Carlos.**

\*

A mão de Suelena. O gringo dá um dolar. Vários passageiros  
 dão dinheiro. Clévis continua cantando.

\*

CORTA PARA:

\*

191 EXT. CRISTO REDENTOR -- DIA

191\*

Rodney sobe as escadas que dão acesso à estátua. Ele carrega  
 uma espécie de bandeja, sobre qual estão expostas as diversas  
 bujigangas que ele vende: miniaturas do Cristo Redentor,  
 cartões postais, brinquedinho de água etc. Um GRINGO se  
 aproxima dele. Pega um postal e aponta:

\*

GRINGO  
 (com forte sotaque)  
 Quanto é?

\*  
 \*  
 \*

RODNEY  
 Uone dólar plisi.

\*  
 \*

CORTA PARA:

\*

\*

192 EXT. ESTAÇÃO DO BONDINHO NO CRISTO -- DIA

192\*

Clévis e Suelena desembarcam do bondinho, no meio dos  
 turistas. Ele segue cantarolando. É visível que ele canta  
 por puro prazer.

\*

CL...VIS  
 Só ando sozinho  
 e no meu caminho  
 o tempo é cada vez menor...

CORTA PARA:

193 EXT. CANTEIRO DE OBRAS -- DIA

193\*

Antônio e alguns colegas peões de obra comem pão e tomam café sentados na beirada de uma lage. Próximo a eles, uma TV ligada. Na TV, um show de Roberto Carlos. O Rei canta justamente "As Curvas da Estrada de Santos".

ROBERTO CARLOS (O.S.)  
 (na TV , completando  
 e sobrepondo-se à  
 voz de Clévis)  
 ...mas se acaso numa curva eu me  
 lembro do meu mundo...

PE O  
 (para Antônio)  
 Então, vai me vender a bicicleta ou  
 não vai?

ANT'NIO  
 Vou não senhor.

OUTRO PE O  
 Esse cabra diz que veio de lá do  
 norte de bicicleta mais a família.

PE O  
 Eita!

Os peões riem. Antônio não diz nada.

CORTA PARA:

194 EXT. CRISTO REDENTOR -- DIA

194\*

Numa barraca de camelô, uma TV transmite o mesmo show de Roberto Carlos que vimos na sequência anterior.

ROBERTO CARLOS (O.S.)  
 (na TV)  
 eu piso mais fundo  
 corrijo num segundo...

Estamos bem no alto, próximos à estátua. A vista do Rio de Janeiro é magnífica. Romão olha a vista. Já quase não há turistas à volta. Os poucos presentes descem as escadas apressados.

O fotógrafo senta na amurada, próximo a Romão. Nas mãos, várias fotos de turistas não-vendidas.

FOT"GRAFO  
(para ninguém, mas  
audível a Romão)  
Dia ruim.

Romão olha para o fotógrafo um instante, antes de perguntar:

ROM O  
O amigo podia me dar uma informação?

O fotógrafo olha para Romão.

FOT"GRAFO  
Posso.

ROM O  
(apontando)  
Aquela ponte lá. É por ali que vai  
pra São Paulo?

FOT"GRAFO  
(olhando a ponte)  
Não. Pra São Paulo é pela Dutra.

Câmera sobe do olhar sonhador de Romão para o céu, para as nuvens, atravessando nuvens e mais nuvens brancas contra o céu azul. Continuamos escutando Roberto Carlos cantar "A Estrada de Santos".

ROBERTO CARLOS (V.O.)  
não posso parar...

Saimos das nuvens e entramos no negrume do espaço sideral.

Tempo.

Escutamos, misturados à voz de Roberto Carlos, alguns ruídos de estrada, e um fragmento de diálogo:

ROSE (O.S.)  
Homem, as crianças tão que não se  
aguentam!

ROM O (O.S.)  
Tem um posto logo ali, ó. Só falta  
um pouquinho.

ROBERTO CARLOS (V.O.)  
Eu prefiro as curvas da estrada de  
Santos...

fade out

créditos finais